

MINERVA BRASILIENSE.

N. 8.

BIBLIOTHECA BRASILICA,

OU

COLLEÇÃO DE OBRAS ORIGINAES, OU TRADUZIDAS DE AUTORES
CELEBRES.

TOMO I.

CARTAS CHELETAS.



RIO DE JANEIRO,

TYPOGRAPHIA AUSTRAL, BECO DE BRAGANÇA, 15.

1845.

CARTAS CHILENAS. (*)

EPISTOLA A CRITILLO.

Vejo, ó Critillo, do chileno chefe
Tão bem pintada a historia nos teus versos,
Que não sei decidir, qual seja a copia,
Qual seja o original. Dentro em minha alma,
Que diversas paixões, que affectos varios
À hum tempo se suscitam! Gélo e tremo
Humas vezes de horror, de magoa, e susto,
Outras vezes do riso apenas posso
Resistir aos impulsos. Igualmente
Me sinto vacillar entre os combates
Da raiva, e do prazer. Mas ah... que disse!
Eu retracto a expressão, nem me subscrevo

(*) Estas cartas merecem a attenção dos poetas e amadores da poesia não só pelo seu merecimento intrínseco, mas por serem attribuidas ao celebre autor da *Martia de Dirécón*. Aos críticos pertence examinar-lhes o estylo, a feitura métrica, o balanço e movimento do periodo poetico, e ver se estas e outras qualidades são analogas ás de igual genero, peculiares ao poeta, nas suas obras genuinas e authenticadas por todas as provas exigíveis. Cotejar pois estas cartas no phrasado, maneira e textura rhythmica, com as *lyras* seria hum trabalho curioso, e mostraria em quem o fizesse cabalmente, hum grande

Ao suffragio daquelle que assim pensa
Alheio da razão que me surprende.
Trata-se aqui da humanidade afflicta;
Exige a natureza os seus deveres:
Nem da mofa, ou do riso pôde a idéa
Jámais nutrir-se em quanto aos olhos nossos,
Se propoem do teu chefe a infame historia.
Quem me dirá que da estultice as obras
Infestas á virtude, e dirigidas
A despertar o escandalo, conseguem
No prudente varão mover o riso?
Eu vejo que hum Caligula se empenha
Em fazer que de Roma ao consulado
Se jure o seu cavallo por collega:
Vejo que os cidadãos, e as tropas arma
O filho de Agrippina, que os transporta
Em grossos vasos sobre Tibre; e logo
Por inimigos lhes assigna os matto
Que atacar manda com guerreiro estrondo:
Direi que me recreia esta loucura?
Que devo rir-me, e suffocar o pranto,

conhecimento da lingua, dos estylos e locução harmonica da poesia. Inclinando-nos a crer que effectivamente estas cartas são do infeliz Gonzaga, não ousamos fundar-nos em provas tiradas desse exame litterario, porque temos hum testemunho que se não he irrecusavel, pelo menos he muito ponderoso e digno de respeito. Hum ancião, entusiasta da litteratura brasileira, depositario de muitos de seus thesouros, e o que he mais, depositario que não os tem accumulado em seu proveito e sim para os hir dando ao publico, hum ancião, por estes e outros titulos, benemerito das letras brasileiras, a quem, a MISERVA deve esta obra (que em attenção ao Sr. Dr. Maia fui-nos permitido imprimir) declara o seguinte acerca della:

« Tenho motivos para certificar que o Dr. Thomaz Antonio Gonzaga he o autor das *Cartas Chilenas*. — Francisco das Chagas Ribeiro. »

Tanto basta, em sentir nosso, para que razoavelmente não se possa dizer, sem outras provas, que esta obra he apocripha.

S. N. R.

Que pulla nos meus olhos? Não, Critillo,
Não he esta a moção, que n'alma provo:
Por entre estes delirios insensivel
Me conduz a razão brilhante e sábia
A gemer igualmente na desgraça
Dos miseros vassallos, que honrar devem
De hum tyranno o poder, o trono, o sceptro.

Se Thalia, e Melpómene nos pintam
Nos seus theatros as paixões humanas
Ao ridiculo gesto, ou ao semblante
Da scena, que o cothurno me apresenta
Eu me conformo ao interesse quando
Aborreço a maldade, e quando rendo
A' formosa virtude os dignos votos:
Despedace Medéa os caros filhos;
Guize Attreu de seus netos as entranhas;
Eu terei sempre horror ás impiedades;
Jámais da irrelição, da fé mentida
Me hão-de enganar os perfidos rebuços,
Ou da fingida scena os vãos adornos.

Devo pois confessar, Critillo amado,
Que teus escriptos de huma idade á outra
Passarão sempre de esplendor cingidos:
Que a humanidade enfim desaggravada
Das injurias que soffre, por teu braço
Os ferros soltará, que desaffrouxa
Tintos do fresco gotejado sangue.

Subditos infelices, que provastes
Os estragos da barbara desordem,
Respirai, respirai. Ao beneficio
Deveis do bom Critillo a paz suave,
Que a vossa liberdade alegre goza.

Sim, Critillo, são estes os agouros,
Que lendo a tua historia, ao mundo faço.
De pejo, e de vergonha os bons monarchas

Que pias intenções sempre alimentam,
De reger como filhos os seus povos
Tocados se verão. Prudentes, sabios,
Consultarão primeiro sobre a escolha
Daquelles chefes, que a remotos climas
Determinam mandar, delles fiando
A importante porção do seu governo:
Prevenidos, que a vã, brutal soberba
Só nas obras influe destes monstros,
Pelo escrutinio da virtude espero
Que regulados os seus votos sejam.

De huma esteril mortal genealogia,
Que o merito produz de seus maiores
Elles amigos argumentar não devem
Propapados talentos. A virtude
Nem sempre aos netos por herança desce.
Póde o pai ser piedoso, sabio e justo,
Manso, affavel, pacifico e prudente:
Não se segue daqui, que hum impio filho,
Perverso, infame, discolo e malvado
Não desordene de seus pais a gloria.
Nem sempre as aguias de outras aguias nascem;
Nem sempre de leões, leões se geram:
Quantas vezes as pombas, e os cordeiros
São partos dos leões, das aguias partos?

Para reger, ó reis, os vossos povos,
Debalde ides buscar brasões e escudos
Entre os vossos dynastas. Roma, Roma
As faxas, as secures, mais as outras
Imperiaes insignias, só tirava
Da provada virtude. Se das Togas
Distinguia huma e outra especie, Athenas
He quem a todas o caracter dava.
Igualmente civil juriconsulto,
Que instruido guerreiro era mandado

Hum cidadão que da provincia as redeas
Manejasse fiel. Daqui os sabios
Daqui os Scipiões, e os bons Emílios,
Os Cesares daqui, que os fastos ornam;
Que differentes hoje os nossos grandes!

He filho do marquez, do conde he filho
Vá das Indias reger o vasto imperio:
Oh Dêos! E que infelices os vassallos
Que tão longe do throno prostitue
O vosso imperio aos abortivos chefes!
Lá vai aquelle que de avára sede
He por genio arrastado: que thesouros
Não espera ajuntar? Do alheio cofre
Se ha de esgotar a afferrolhada somma:
Desgraçada justiça! Da igualdade
Tu não sabes o ponto: he a balança
Do interesse, que só por ti decide.
Que despachos injustos, que dispensas,
Que mercês, e que postos não compram
Ao grave pezo da sellada firma?

Ótro vai, que lascivo e desenvolto,
Só da carne as paixões adora e segue.
Honras, decoros, vós sereis despojos
Do seu bruto appetite. Em vão cansados
Pais de familias, zelareis vós outros
Da vossa casa o pundonor herdado.
Aos vis ataques do atrevido orgulho
Hão de ceder as prevenções mais fortes;
Victimas da voraz sensualidade
Vossas filhas serão vossas mulheres.
Que direi do soberbo, do vaidoso,
Do colerico, e de outros varios monstros,
Que freio algum não conhecendo, passam
A sustentar no autorizado cargo
Tudo quanto a paixão lhes dicta e manda!

Não soffre aquelle que o vassallo occulte
Os cabedaeas, que á sua industria deve;
E que a seus filhos, e a seus netos possa
Deixar, morrendo, huma opulenta herança:
Hum falso crime lhe figura, aonde
Esgote as forças que levar procura
Além das frias apagadas cinzas.

Este medita que a nobreza illastre
Suffocada se veja. A prisão dura,
O distante degredo he que promette
Da prevista vingança o fim prescripto.
O' senhores! O' reis! O' grandes, quanto
São para nós as vossas leis inuteis!
Mandaes de balde sem julgada culpa
Que o vosso chefe a arbitrio seu não possa
Exterminar aos réos, punir os impios.
He c'os ministros de menor esphera
Que fallam vossas leis. Nos chefes vossos
Sómente o despotismo impera e reina.

Gosar da sombra do copado tronco
He só livre ao que perto tem o abrigo
Dos seus ramos frondosos. Se se aparta
Da clara fonte o passageiro, prova
Turbadas aguas em maior distancia.

Mas ah, Critillo meu, que eu estou vendo
Que já chegam a ler as cartas tuas:
Estes barbaros monstros são cobertos
De vivo pejo ao ver os seus delictos,
Que em tão disforme vulto hoje apparecem.

Dextro pintor, em hum só quadro a muitos
Soubeste descrever: sim que o teu chefe
As maldades de todos comprehende.
Aqui vê-se o soberbo, que pensando
Do resto dos mais homens, nada serem
Mais que humildes insectos, só de furias

Nutre o vil coração, e a seus pés calca
A pobre humanidade. Aqui se encontra
O impio, o libertino, que ultrajando
Tudo quanto he sagrado, tem por timbre
Ao publico mostrar que o santo culto,
Que nos iatima a religião, sómente
Aos pequenos obriga, e que por arte
Os conserva a illusão no fanatismo;
Porque da obediencia ás leis se dobrém.
Aqui se acha o lascivo; he o vaidoso.
He o estúpido emfim, he o demente
O que ao vivo apparece nesta empresa.

Tu, severo Catão, tu reprehendes
Com teu mudo semblante a patria Roma,
Nem seus theatros de lascivia cheios
Soffrem teus olhos nobremente irados.
Pede o congresso de terror ferido
Que o rigido censor o circo deixe,
Ou que se não produza a torpe scena.

Este, ó Critillo, o precioso effeito
Dos teus versos será, como em espelho,
Que as cores toma, e que reflecte a imagem;
Os impios chefes de huma igual conducta
A elles se verão sendo arguidos
Pela face brilhante da virtude,
Que nos defeitos de hum, castiga a tantos.
Lições prudentes de hum discreto aviso
No mesmo horror do crime, que os infama
Teus escriptos lhes dê. Sobrada usura
He este premio das fadigas tuas.

Elles dirão, voltando-se a Critillo,
Quanto devemos, ó censor fecundo,
Ao castigado metro com que afeas
Nossós delictos, e buscarnos fazes
Da candida virtude a sã doutrina.

Apenas concebi a ideia de traduzir na nossa lingua, e de dar ao prelo as Cartas Chilenas, logo assentei commigo, que V. Excs. haviam de ser os Meccenas o quem as dedicasse. São V. Excs. aquelles de quem os nossos soberanos costumam fiar os governos das nossas conquistas. São por isso aquelles a quem se devem consagrar todos os escriptos que os podem conduzir ao fim de hum acertado governo. Dous são os meios porque nos instruímos; hum quando vemos acções gloriosas, que nos despertam os desejos da imitação, outro quando vemos acções indignas, que nos excitam o seu aborrecimento. Ambos estes meios são efficazes: esta a razão porque os theatros, instituidos para a instrucção dos cidadãos, humas vezes nos representam a hum herôe cheio de virtudes, e outras vezes nos representam a hum monstro coberto de horrorosos vicios.

Entendo que V. Excs. se desejarão instruir por hum e outro modo. Para se instruirem pelo primeiro, tem V. Excs. os louvaréis exemplos de seus

illustres progenitores. Para se instruírem pelo segundo, era necessário que eu fosse a descobrir a Fanfarrão Minezio em hum reino estranho. Feliz reino, e felizes grandes, que não tem em si hum modelo destes! Peço a V. Excs. que recebam, e protejam estas Cartas. Quando não mereçam a sua protecção pela eloquencia, com que estão escriptas, sempre a merecem pela sã doutrina, que respiram e pelo louvavel fim com que talvez as escreveo o seu autor Critillo.

Beija as mãos.

De V. Excs.

O seu menor criado

PROLOGO.

Amigo leitor, arribou a certo porto do Brasil, aonde eu vivia hum galleão, que vinha das Americas Hespanholas. Nelle se transportava hum mancebo, cavalheiro instruido nas letras. Não me foi difficuloso travar com elle huma estreita amizade; e chegou a confiar-me os manuscriptos, que trazia. Entre elles encontrei as *Cartas Chilenas*, que são artificioso compendio das desordens, que fez no seu governo *Fanfarrão Minezio*, general de Chile.

Logo que li estas Cartas assentei commigo, que as devia traduzir na nossa lingua, não só porque as julguei merecedoras deste obsequio pela simplicidade do seu estylo, como tambem pelo beneficio, que resulta ao publico de se verem satyrisadas as insolencias deste chefe para emenda dos mais, que seguem tão vergonhosas pizadas.

Hum Dom Quixote pôde desterrar do mundo as loucuras dos cavalleiros andantes : hum *Fanfarrão Minezio*, pôde tambem corrigir a desordem de hum governador despotico. Eu mudei algumas cousas menos interessantes para as accomodar melhor ao nosso gosto. Peço-te que me desculpes algumas faltas; pois se és douto, has de conhecer a summa difficuldade, que ha na tradução em verso. Lê, diverte-te, e não queiras fazer juizos temerarios sobre a pessoa de *Fanfarrão*. Ha muitos Fanfarrões no mundo, e talvez, que tu sejas tambem hum delles, &c.

...Quid ridet? mutato nomine, de te fabula narratur....

HORAT. SATVR. I. VERS. 69.

CARTA 1.ª

Em que se contam varios successos da entrada que fez em Chile
Fanfarrão Minezio.

Amigo Dorotheu, prezado amigo,
Abre os olhos, boceja, estende os braços,
E limpa das pestanas carregadas
O pegajoso humor, que o somno ajunta.
Critillo, o teu Critillo he quem te chama;
Ergue a cabeça da engomada fronha,
Acorda, se ouvir queres cousas raras.
Que cousas (tu dirás) que cousas podes
Contar que valham tanto, quanto vale
Dormir a noite fria em molle cama,
Quando salta a saraiva nos telhados,
E quando o sudoeste, e os outros ventos
Movem dos troncos os frondosos ramos?
He doce esse descanso, não t'ó nego.
Tambem, presado amigo, tambem gosto
De estar amadornado, mal ouvindo
Das aguas despenhadas brando estrondo,
E vendo ao mesmo tempo as vãs chimeras
Que então me pintam os ligeiros sonhos.
Mas, Dorotheu, não sintas que te acorde,

Não falta tempo em que, do somno gozes.
Então verás leões com pés de pato ;
Verás roarem tigres, e camellos,
Verás parirem homens, e nadarem
Os roliços penedos sobre as aguas.
Porém, que tem que ver estes delirios
C'os successos raeas que vou contar-te ?
Accorda, Dorotheu, accorda, accorda ;
Critillo, o teu Critillo he quem te chama :
Levanta o corpo das macias pennas,
Ouvirás, Dorotheu, successos novos,
Estranhos casos, que já mais pintaram
Na ideia do doente, ou de quem dorme
Agudas febres, desvairados sonhos.

Não és tu, Dorotheu, aquelle mesmo
Que queres que te diga se he verdade
O que se conta dos barbados monos,
Que á meza trazem os fumantes pratos ?
Não desejas saber, se ha grandes peixes,
Que abraçando os navios com as longas
Robustas barbatanas os suspendem,
Inda que o vento, que d'alheta sopra
Lhes inche os soltos, desrinzados pannos ?
Não queres que te informe dos costumes
Dos incultos gentios? Não perguntas
Se entre elles ha nações, que o beijo furam,
E outras que matam com piedade falsa
Os pais que affrouxam ao poder dos annos ?
Pois se queres ouvir noticias velhas
Dispersas por immensos alfarrabios,
Escuta a historia de hum moderno chefe,
Que acaba de reger a nossa Chile,
Illustre imitador de Sancho Pança.
E quem dissera, amigo, que podia
Gerar segundo Sancho a nossa Hespanha ?

Não cuides, Dorotheu, que vou contar-te
Por verdadeira historia huma novella
Da classe das patranhas que nos contam
Verbosos navegantes, que já deram
Ao globo deste mundo volta inteira.
Huma velha madrasta me persiga ;
Huma mulher zelosa me atormente,
E tenha hum bando de gatunos filhos,
Que hum xavo não me deixem, se este chefe
Não fez ainda mais do que eu refiro.

Ora pois, doce amigo, vou pintal-o
Da sorte que o topei a vez primeira ;
Nem esta digressão motiva tédio,
Como aquellas que são dos fins alheias :
Que o traje, mais o gesto nas pessoas
Faz o mesmo que fazem os letreiros
Nas frentes enfeitadas dos livrinhos,
Que dão do que elles tratam boa ideia.

Tem pezado semblante, a cõr he baça ;
O corpo de estatura hum tanto esbelta ;
Feições compridas, e olhadura feia ;
Tem grossas sobranceiras, testa curta,
Nariz direito, e grande ; falla pouco,
Em rouco baixo som de mão falsete ;
Sem ser velho já tem cabello ruço ;
E cobre este defeito, a fria calva
A força de polvilho que lhe deita.
Ainda me parece que o estou vendo
No gordo rocinante escarranchado,
As longas calças pelo embigo atadas ;
Amarello collete, e sobre tudo
Vestida huma vermelha, e justa farda.
De cada bolso da fardeta pendem
Listradas pontas de dous brancos lenços ;
Na cabeça vazia se atravessa

Hum chapéu desmarcado ; nem sei como
Sustenta a pobre só do laço o pezo.
Ah! tu, Catão Severo, tu que estranhas
O rir-se hum consul moço, que fizeras
Se em Chile agora entrasses, e se visses
Ser o rei dos peraltas quem governa?
Já lá vai, Dorotheu, aquella idade,
Em que os proprios mancebos, que subiam
A' honra do governo, aos outros davam
Exemplos de môdestia até no traje.
Deviam, Dorotheu morrer os povos
Apenas os maiores imitaram
Os rostos, e os costumes das mulheres
Seguindo as modas, e rapando as barbas.

Os grandes do paiz com gesto humilde
Lhe fazem, mal o encontram, seu cortejo ;
Elle austero os recebe, e só se digna
Affrouxar do toutiço a moita hum nada,
Ou pôr nas abas do chapéu os dedos.

Caminha atraz do chefe hum tal *Roberio*,
Que entre os criados tem respeito de aio ;
Estatura pequena, largo o rosto,
Delgadas pernas, e pseudo ventre.
Sobejo de hombros, de pescoço falto,
Tem de pizorga as côres, e conserva
As bufantes bochechas sempre inchadas.
Bem que já velho seja, inda presume
De ser aos olhos das madamas grato ;
E o demo lhe encaixou que tinha pernas
Capazes de montar no bom ginete,
Que rincha no Parnaso. Pobre tonto !
Quem té mette em camisas de onze varas !
Tu só podes cantar em côxos versos,
E ao som da má rebeca com que atrôas
Os feitos de teu amo, e os seus despachos.

Ao lado de *Roberio* vem *Matuzio*,
Que respira do chefe o modo e gesto.
He peralta rapaz de tezas gambeas ;
Tem cabello castanho, e brancas faces,
Tem hum ar de milord, e a todos trata
Como inuteis bichinhos. Só conserva
Com o rico rendeiro, ou quem lhe conta
Das moças do paiz as frescas praças.
Do bolço atravessado dependura
As pontas perfumadas do lençinho,
Que he signal ou caracter que distingue
Aos serventes das casas dos mais homens ;
Assim como as familias se conhecem
Por herdados brazões de antigas armas.

Montado em nedja mula vem hum padre
Que tem de capellão as justas honras :
Formou-se em Salamanca ; he homem sabio :
Já do mysterio do Pillar hum dia
Hum sermão recitou, que foi hum pasmo ;
Labregão no feitio, e meio idoso ;
Tem olhos encovados, barba teza,
Fechadas sobranceiras, rosto fusco,
Cangalhas no nariz. Ah quem dissera
Que a' hum corpo que tem de nabo a fórma
Haviam pôr os ceos tão grande caco !

O resto da familia he todo o mesmo,
Escuso de pintal-o. Tu bem sabes
Hum risão que nos diz ; que dos domingos
Se tiram muito bem os dias santos.
Ah pobre Chile : que desgraça esperas !
Quanto melhor te fôra que septisses
As pragas que no Egypto se choraram,
Do que veres que sóbe ao teu governo
Carrancudo casquilho, a quem rodeiam
Os nescios, os marotos, e os peraltas.

Seguindo pois dos grandes entra o chefe
No nosso *San-Thiago* (1) junto á noite.
A' casa me recolho; e cheio destas
Tristissimas imagens, no discurso
Mil cousas feias, sem querer revolvo.
Por ver se a dor divirto, vou sentar-me
Na janella da sala, e ao ar levanto
Os olhos já molhados. Ceos, que vejo!
Não vejo estrellas, que serenas brilhem,
Nem vejo a lua, que pratêa os mares.
Vejo hum grande cometa, a quem os doutos
Caudato appellidaram. Este cobre
A terra toda c'o disforme rabo.
Afflicto o coração no peito bate;
Errica-se o cabelo, as pernas tremem;
O sangue se congela, e todo o corpo
Se cobre de suor. Tal foi o medo!
Ainda bem o accôrdo não restauro,
Quando logo me lembra que este dia
He o dia fatal, em que se entende
Que andam no mundo soltos os diabos.
Não rias, Dorotheu, dos meus agouros;
Os antigos Romanos foram sabios;
Tiveram agoureiros: estes mesmos
Muitas vezes choraram por tomarem
Os avisos celestes como acasos.

Ajuntaram-se os grandes desta terra?
Ansite em casa do benigno chefe,
Que o governo largou. Aqui alegres
Com elle se entretinham largas horas
Depostos os melindres da grandeza,
Fazia a humanidade os seus deveres
No jogo e na conversa deleitosa.

(1) Capital do Chile.



A estas horas entra o novo chefe
Na casa do recreio; e reparando
Nos membros do congresso, a testa enruga,
E volta a cara como quem se enoja:
Porque os mais, dellê junto, não se assentem
Se deixa em pé ficar a noite inteira,
Não se assenta civil da casa o dono;
Não se assenta (que he mais) a illustre esposa;
Não se assenta tambem hum velho bispo,
E a exemplo destes o congresso todo.
Pensavas, Dorotheu, que hum peito nobre,
Que teve mestres, que habitou na côrte
Havia praticar acção tão feia
Na casa respeitavel de hum fidalgo,
Distincto pelo cargo que exercia,
E mais ainda pelo sangue herdado?
Pois ainda, caro amigo, não sabias
Quanto póde a tolice e vã soberba!
Parece, Dorotheu, que algumas vezes
A sabia naturezã se descuida.
Devera, doce amigo, sim devera
Regular os nataes conforme os genios.
Quem tivesse as virtudes de fidalgo
Nascesse de fidalgo, e quem tivesse
Os vicios de villão, nascesse embora,
Se devesse nascer de algum lacaio,
Como as pombas que geram fracas pombas,
Como os tigres que geram tigres bravos.
Ah, se isto Dorotheu, assim succede;
Estava o nosso chefe mesmo ao proprio
Para nascer sultão do Turco imperio!
Mettido entre vidraças reclinado
Em coxins de veludo, e vendo as moças
Que de todas as partes o cercavam;
Coçando-lhe humas levemente as pernas,

E as outras abanando-o com toalhas :
Só assim , Dorotheu , o nosso chefe
Ficaria de si hum tanto pago.

Chega-se o dia da funesta posse ;
Mal os grandes se ajuntam , desce a escada ,
E sem mover cabeça vai metter-se
Debaixo do lustroso e rico pallio.

Caminham todos juntos para o templo :
Hum psalmo se repete em doce choro ,
A que elle assiste desta sorte inchado .
Enteza mais que nunca o seu pescoço ,
Em ar de minuete os pés concerta ,
E arqueia o braço esquerdo sobre a ilharga .
Eis-aqui , Dorotheu , o como param
Os mãos comediantes quando fingem
As pessoas dos grandes nos theatros .

Acabada a funcção á casa volta ;
Os grandes o acompanham descontentes
Co'a mesma pompa com que foi ao templo .
Já vistes o ministro carrancudo ,
A quem os tristes pretendentes cercam
Quando no regio tribunal se apêa ,
Que bem que humildes em tropel o sigam
Não pára , não responde , não corteja ?
Já viste o casquilho quando sobe
A' casa em que se canta , e em que se joga
Que deixa á porta as bestas e os lacaios ,
Sem se quer se lembrar que venta e chove ?
Pois assim nos tratou o nosso chefe ;
Mal á porta chegou do chefe antigo
Com elle se recolhe , e até ao mesmo
Luzido , nobre corpo do senado
Não falla , não corteja , não despede ,
Da sorte que o lacaios a sege arruma ,
Por não tomar a rua ás outras seges ,

Assim os cidadãos o pallio encostam
Ao batente da porta , e quaes lacaios
Na rua esperam , que seu amo desça ,
Ou a elle ficar , que os mande embora .
Avista desta acção indigna , e feia
Todo o congresso se confunde , e pasma :
Sóbe as faces de alguns a côr rosada
Perdem outros a côr das roxas faces :
Louva este o proceder do chefe antigo ,
Aquelle o proceder do novo estranha ,
E os que podem vencer do genio a força
Aos mais escutam sem dizer palavra :

São estes , louco chefe , os são exemplos ,
Que na Europa te dão os homens grandes ?
Os mesmos reis não honram aos vassallos ?
Deixam de ser por isso huns bons monarchas ?
Como errado caminhas ! O respeito
Por meio das virtudes se consegue ,
E nellas se sustenta ; nunca nasce
Do susto e do temor , que aos povos mettem ,
Injurias , descortejos , e carrancas .

Findou-se , Dorotheu , a longa historia
Da entrada deste chefe . Agora vamos ,
Que he tempo , descansar hum breve instante .
Nas outras contarei , prezado amigo ,
Os factos que elle obrou no seu governo ,
Se acaso os justos céos quizerem dar-me
Para tudo escrever papel , e tempo .



CARTA 2.

Em que se mostra a piedade que Fanfarrão fingio no principio do seu governo para chamar a si todos os negocios.

As brilhantes estrellas já cahiam,
E a vez terceira os gallos já cantavam,
Quando, prezado amigo, punha o sello
Na volumosa carta em que te conto
Do nosso immortal chefe a grande entrada;
E reflectindo então ser quasi dia,
A despir-me começo com tal ancia,
Que entendo que inda estava o laere quente,
Quando eu já sobre os membros fatigados
Cuidadoso estendia a grossa manta.
Não cuides, Dorotheu, que brandas pennas
Me formam o colxão macio e fofo;
Não cuides que he de paina a minha fronha;
E que tenho lenções de fina hollanda,
Com largas rendas sobre os crespos folhos:
Custosos pavilhões, dourados leitos,
E colxas matisadas não se encontram
Na casa mal provida de hum poeta,
Onde ha dias, que o rapaz que serve
Nem na suja cosinha accende o fogo.
Mas, nesta mesma cama tósea e dura,

Descanço mais contente do que dorme
Aquelle que só poem o seu cuidado
Em deixar a seus filhos o thesouro
Que ajunta, Dorotheu, com mão avara
Furtando ao rico, e não pagando ao pobre.
Aqui... mas onde vou, prezado amigo!
Deixemos episodios que não servem,
E vamos proseguindo a nossa historia.

Fui deitar-me ligeiro, como disse;
E mal estendo nos lenções o corpo
Dou hum sopro na véla, os olhos fecho,
E pelos dedos reso a muitos santos
Por vêr se chega mais depressa o somno;
Conselho que me deram sabias velhas.
Já, meu Dorotheu, o somno vinha:
Humas vezes, dormindo ressonava,
Outras vezes, resando inda bolia
Com os devotos beijos; quando sinto
Passar hum carro que me abala o leito.
Assustado desperto; os olhos abro;
E conhecendo a causa que me accorda,
Hum tanto impaciente o corpo viro.
Fecho os olhos de novo, e cruso os braços
Para ver se outra vez me torna o somno.
Segunda vez o somno já tornava,
Quando o estrondo percebo de outro carro.
Outra vez, Dorotheu, o corpo volto;
Outra vez me agasalho; mas de balde.
Já sôam dos soldados grossos berros,
Já tinem as cadeias dos forçados,
Já chiam os guindastes, já me atroam
Os golpes dos machados e martellos,
E ao pé de tanta bulha já não posso
Mais esperanza ter de algum socego.
Salto fóra da cama; acendo a véla;

A' banca vou sentar-me exasperado,
E por ver se entretenho as longas horas
Aparo a minha penna, o papel dobro;
E com mão que inda treme de cançada.
Não sei, presado amigo, o que te escrevo:
Só sei que o que te escrevo são verdades,
E que vem muito bem ao nosso caso.
Apenas, Dorotheu, o nosso chefe
As redeas manejou do seu governo,
Fingir-nos intentou que tinha huma alma
Amante da virtude. Assim foi Nero;
Governou ao Romanos pelas regras
Da formosa virtude; porém logo
Trocou o sceptro de ouro em mão de ferro.
Manda pois que os ministros lhe dêem listas
De quantos presos as cadeias guardam.
Faz a muitos soltar; aos máis anima
De vivas bem fundadas esperanças;
Estranha ao subalterno que se arroga
O poder castigar ao delinquente
Com troncos e galés; emfim ordena
Que aos presos que em tres dias não tiverem
Assentos declarados, se lhes abram
Em nome d'elle chefe seus assentos.
Aquelle, Dorotheu, que não he santo;
Mas quer fingir-se santo aos outros homens
Pratica muito mais do que pratica
Quem segue os sãos caminhos da verdade.
Mal se poem na igreja de joelhos
Abre os braços em cruz, a terra beija;
Entorta o seu pescoço fecha os olhos,
Faz que chora, suspira, fere o peito,
E pratica outras tantas macaquices,
Estando em parte aonde o mundo os veja:
Assim o nosso chefe, que procura

Mostrar-se compassivo, não descança
Com estas poucas obras. Passa a dar-nos
Da sua compaixão maiores provas.

Tu, sabes, Dorotheu, qual seja o crime
Dos soldados que furtam aos soldados;
E sabes muito bem que pena iacoram
Aquelles que viciam ouro, e prata.
Agora, Dorotheu, attende o como
Castiga o nosso chefe em hum sujeito
Estes graves delictos, que reputa
Inda menos do que leves faltas.

Apanha hum militar aos camaradas
Do soldo huma porção: astuto, e déstro,
Para não se sentir o grave furto
Mistura nos embrulhos, que lhes deixa
Igual quantia de metal diverso.
Faz-se queixa ao bom chefe deste insulto:
Sim, faz-se ao chefe queixa; mas de balde,
Que este Hercules não cinge a grossa pelle,
Nem traz na mão robusta a grossa clava,
Para guerra fazer aos torpes Cacos.
Ja leste, Dorotheu o dom Quixote?
Pois eis aqui, amigo, o seu retrato:
Mas diverso nos fins; que o doido Mancha
Forceja por vencer os máos gigantes,
Que ao mundo são molestos; e este chefe
Forceja por suster no seu districto
Aquelles que se mostram mais velhacos.
Não pune, doce amigo, como deve
Das sacrosantas leis a grave offensa,
Antes benigno manda ao bom *Matuzio*
Que do seu ouro proprio se ressarça
Aos afflictos roubados toda a perda.
Já viste, Dorotheu, igual desordem?
O dinheiro de hum chefe, que a lei guarda,

Acode aos tristes orphãos, e ás viúvas;
Acode aos miseraveis, que padecem
Em duras rotas camas, e soccorrem
Para que honradas sejam as donzellas;
Porém não paga furtos, porque fiquem
Impunes os culpados, que se devem
Para exemplos punir com mão severa.
Envia, Dorotheu, visinho chefe
Ao nosso grande chefe outro soldado
Por varios crimes convencido, e prezo.
Lançasse o tal soldado de joelhos
Aos pés do seu heróe suspira e treme;
Não nega que ferira e que matara:
Mas pede que lhe valha a mão piedosa
Que tudo póde, que elle aperta e beija.
Perganta-lhe o bom chefe: se os seus crimes
Divulgados estão, e o camarada
Com semblante já leve lhe responde:
Que suas graves culpas foram feitas
Em sitios mui distantes desta praça.
Então, então o chefe compassivo
Manda tirar o ferro dos seus braços.
Da-lhe hum salvo-conducto, com que possa,
Com tanto que na terra se não saiba,
Fazer impunemente insultos novos.

Caminha, Dorotheu, á forca hum negro
Conforme as leis do reino bem julgado,
Tu sabes, Dorotheu, que o proprio augusto
Estas fataes sentenças não revoga,
Sem hum justo motivo em que se firme
Do seu perdão a causa. Tambem sabes
Que estas mesmas mercês se não concedem
Se não por hum decreto em que se expende
Que o sabio rei usou por moto proprio
Do mais alto poder que vem do sceptro.

Agora, Dorotheu, attende e pasma.
Por hum simples despacho manda o chefe,
Que o triste padecente se recolha.
Assenta vale tanto lá na cõrte
Hum grande — el-rei — impresso quanto vale
Em Chile hum — como pede — e o seu garrancho.
Aonde, louco chefe, aonde corres
Sem tino, e sem conselho! Quem te inspira
Que remittir as penas he virtude?
E ainda a ser virtude quem te disse
Que não he das virtudes que só póde
Benigna exercitar a mão augusta?
Os chefes, bem que chefes, são vassallos;
E os vassallos não tem poder supremo.
O mesmo grande Jove que modera
O mar, a terra, o ceo, não póde tudo;
Que ao justo só se estende o seu imperio.
O povo, Dorotheu, he como as moscas,
Que correm ao lugar onde sentem
O derramado mel: he semelhante
Aos corvos e aos abutres que se ajuntam
Nos ermos, onde fede a carne podre.
A vista pois dos factos que 'executa
O nosso grande chefe decisivos
Da piedade que finge a louca gente
De toda a parte corre a ver se encontra
Algum pequeno allivio á sombra delle.
Não viste, Dorotheu, quando arrebenta
Ao pé de alguma ermida a fonte santa,
Que a fama logo corre, e todo o povo
Concebe que ella cura as graves queixas?
Pois desta fôrma entende o nescio vulgo
Que o nosso general lugar-tenente
Em todos os delictos, e demandas
Póde de absolvição lavar sentenças.

Não ha livre , não ha , não ha cativo
Que ao nosso Sam-Thiago (1) não concorra
Todos buscam ao chefe , e todos querem
Para serem bem vistos , revestir-se
Do triste privilegio de mendigos.

Hum as botas descalça , tira as meias ,
E põe no duro chão os pés mimosos :
Outro despe a casaca ; mais a veste ,
E de varios *molambos* mal se cobre :
Este deixa crescer a ruça barba :
Com palhas d'alhos se defuma aquelle
Qual as pernas emplasta , e move o corpo ,
Mettendo nos sovacos as moletas.
Qual ao torto pescoço dependura
Despido o braço , que só cobre o lenço.
Huns com o bordão apalpam o caminho :
Outros hum grande bando lhe apresentam
De çujas moças a quem chamam filhas.
Já foste , Dorotheu , a hum convento
De padres Franciscanos , quando chegam
As horas de jantar ? Passaste acaso
Por sitio em que morreo mineiro rico
Quando da casa sahe pomposo enterro ?
Pois aqui , amigo , bem pintada
A porta e mais a rua deste chefe
Nos dias de audiencia. Oh quem podera
Nestes dias meter-se hum breve instante
A ver o que ali vai na grande salla ?
Escusavas de ler os entremezes ,
Em que os sabios poetas introduzem
Por interlocutores chefes asnos ,
Hum pede , Dorotheu , que lhe dispense

(1) Capital do Chile.

Casar com huma irmã da sua amazia :
Pede o outro que lhe queime o mão processo ,
Onde está criminoso , por ter feito
Cumprir exactamente hum seu despacho.

Diz este que os herdeiros não lhe entregam
Os bens , que lhe deixou em testamento
Hum filho de Noé : aquelle ralha
Contra os mortos juizes , que lhe deram
Por empenhos , e peitas a sentença ,
Em que toda a fazenda lhe tiraram :
Hum quer que o devedor lhe pague logo ;
Outro para pagar pretende espera :
Todos enfim concluem , que não podem
Demandas conservar por serem pobres ,
E grandes as despezas que se fazem
Nas casas dos letrados , e cartorios.
Então o grande chefe sem demora
Decide os casos todos , que lhe occorrem
Ou sejam de moral , ou de direito ,
Ou pertençam tambem á medicina ,
Sem botar (que ainda he mais) abaixo hum liv
Da sua sempre virgem livraria.
La vai huma sentença revogada ,
Que já podéra ter cabellos brancos :
Lá se manda que entreguem os ausentes
Os bens ao successor , que não lhe mostra
Sentença , que lhe julgue a grossa herança :
A muitos de palavra se decreta
Que impedir os seus bens não mais prosigam :
A outros se concedem breves horas
Para pagarem sommas que não devem.
Ah tu , meu Sancho Pança , tu que foste
De Barataria chefe não lavraste
Nem huma só sentença tão discreta !
E o que queres , amigo , que succeda ?

Esperavas acaso hum bom governo
Do nosso *Fanfarrão*? Tu não o viste
Em trajes de casquilho nessa côrte?
E pôde, meu amigo, de hum peralta
Formar-se de repente hum homem serio.
Carece, Dorotheu, qualquer ministro
Apertado estudos, mil exames;
E pôde ser o chefe omnipotente
Que não sabe escrever huma só regra,
Onde ao menos se encontre hum nome certo?
Ungio-se para rei do povo eleito
A Saul o mais santo, que Deos via:
Prevaricou Saul, prevaricaram
No governo dos povos outros justos.
E ha de bem governar remotas terras
Aquelle que não deo em toda a vida
Hum exemplo de amor a sã virtude?
As letras, a justiça, a temperança
Não são, não são morgados, que fizesse
A sabia natureza para andarem
Por successão nos filhos dos fidalgos.

Do cavallo andaluz he sim provavel
Nascer tambem hum potro de esperança,
Que tenha frente aberta, largos peitos,
Que tenha alegres olhos, e compridos,
Que seja emfim das mãos e pés calçados.
Porém de hum bom ginete tambem pôde
Hum catralvo nascer, nascer hum zarco.
Aquelle mesmo potro que tem todos
Os formosos signaes, que aponta o rego
Carece, Dorotheu, correr em roda
No grande picadeiro muitas vezes
Para huma e outra parte. Necessita
Que o dextro picador lhe ponha a sella,
E que, montando nelle pouco a pouco

O faça obedecer ao leve toque
Do duro cabeção, da branda redea.
Os mesmos, Dorotheu Porém já toca
Ao almoço a garrida da cadêa.
Vou vêr se dormir posso, em quanto duram
Estes breves instantes do socco;
Que sem barriga farta, e sem descanso
Não se pôde escrever tão longa historia.



CARTA 3.

Em que se contam as injustiças e violências que Fanfarrão executou por causa de huma cadeia, a que deo principio.

Que triste, Dorotheu, se poz a tarde!
Assopra o vento sul, e densa nuvem
Os horizontes cobre: a grossa chuva
Cahindo das biqueiras dos telhados
Fôrma regatos, que os portaes inundam.
Rompem os ares colubrinas fachas
De fogo devorante, e ao longo sôa
De compridos trovões o baixo estrondo.
Agora, Dorotheu, ninguém passeia:
Todos em casa estão, e todos buscam
Divertir a tristeza, que nos peitos
Infunde a tarde mais que a noite feia.
O velho Altimidonte certamente
Tem postas nos narizes as cangalhas;
E revolvendo os grandes gordos livros
E os dedos inda sujos de tabaco
Ajunta ao máo processo muitas folhas
De vãs autoridades carregadas.
O nosso bom Dirceu talvez que esteja
Com os pés escondidos no capaxo
Mettido no capote a ler gostoso
O seu Virgilio, o seu Camões, e Tasso;
O terno Floridoro a estas horas
No molle esperguiceiro se reclina

A vêr brincar alegres os filhinhos.
Hum já montado na comprida cana
E outro pendurado no pescoço
Da mãi formosa, que risonho abraça.
O gordo Josefino está deitado
Nada lhe importa, nem do mundo sabe;
Ao som do vento, dos trovões e chuva,
Como em noite tranquilla dorme e ronca.
O nosso Damião emfim abana
Aolento fogo, com que sabio tira
Os uteis saes da terra, e o teu Critillo
Que não encontra aqui com quem murmure
Quando só murmurar lhe pede o genio
Pega na penna, e desta sorte vóa
De cá tão longe a murmurar contigo.
Já disse, Dorotheu, que o nosso chefe
Apenas principia a governar-nos
Nos pretende mostrar, que tem hum peito
Muito mais terno, e brando do que pedem
Os severos officios do seu cargo.
Agora cuidarás, prezado amigo,
Que as chaves das cadeias já não abrem
Comidas de ferrugem? Que as algemas
Como trastes inuteis se furtaram?
Que o torpe executor das graves penas
Liberdade ganhou? Que já não temos
Descalços guardiães, que á fonte levem
Mettidos nas correntes os forçados?
Assim, prezado amigo, assim devia
Em Chile acontecer se o nosso chefe
Tivesse em governar algum systema.
Mas, meu bom Dorotheu, os homens nescios
A's folhas dos olmeiros se comparam.
São como o leve fumo, que se move
Para partes diversas, mal os ventos

Começam apontar de varias partes.
Ora pois, doce amigo, attende o como
No seu contrario vicio degenera
A falsa compaixão do nosso chefe:
Qual o sereno mar, que n'hum instante
As ondas sobre as ondas encapella.

Pertende, Dorotheu, o nosso chefe
Erguer huma cadeia magestosa,
Que possa escurecer a velha fama
Da torre de Babel, e mais dos grandes
Custosos edificios que fizeram
Para sepulchros seus os reis do Egypto.
Talvez, prezado amigo, que imagine
Que neste momento se conserve
Eterna a sua gloria: bem que os povos
Ingratos não consagrem ricos bustos
E montadas estatuas ao seu nome.
Deziste, louco chefe, desta empreza.
Hum soberbo edificio levantado
Sobre ossos innocentes construido
Com lagrimas dos pobres, nunca serve
De gloria ao seu autor; mas sim de opprobrio.

Dezenha o grande chefe sobre a banca
Desta sorte cadeia o grande risco
A proporção do genio, e não das forças,
Da terra decadente, onde habita.
Ora pois, doce amigo, vou pintar-te
Ao menos o formoso frontispicio
Verás se pede machina tamanha
Humilde povoado, onde os grandes
Moram em casas de madeira a pique.
Em cima da espaçosa escadaria
Se fórma do edificio a nobre entrada
Por dous soberbos arcos dividida:
Por fóra destes arcos se levantam

Tres jonicas columnas, que se firmam
Sobre quadradas bases, e se adornam
De lindos capiteis, aonde assenta
Huma formosa, regular varanda.
Seus balaustes são de lizas pedras,
Que brandos ferros cortam sem trabalho.
Debaixo da cornija, ou projectura
Estão as armas deste reino abertas
No liso centro da vistosa tarja.
Do meio desta frente sóbe a torre,
E pegam desta frente para os lados
Vistosas galerias de janellas
Que enfeitam as douradas negras grades.
E sabes, Dorotheu, quem edifica
Esta grande cadêa? Não, não sabes:
Pois ouve, eu to digo. Hum pobre chefe
Que na côrte habitou em humas casas,
Em que já nem se abriam as janellas:
E sabes para quem? Tambem não sabes:
Pois eu tambem to digo: Para huns negros,
Que vivem (quando muito) em vis cabanas
Fugidos dos senhores lá nos mattos.
Eis-aqui, Dorotheu, ao que se pôde
Muito bem applicar áquella mofo
Que faz o nosso mestre quando pinta
Hum monstro meio peixe, e meio dama.
Na sabia proporção he que consiste
A boa perfeição das nossas obras.
Não pede, Dorotheu, a pobre aldeia
Os soberbos palacios: nem a côrte
Póde tambem soffrer as toscas choças.
Para poder supprir o nosso chefe
Das obras meditadas as despesas
Consome do senado os rendimentos,
E passa a maltratar ao triste povo

Com estas nunca usadas violencias.
Quer copia de forçados, que trabalhem
Sem outro algum jornal mais que sustento
E manda a hum bom cabo, que lhe traga
A quantos *quilombolas* se apanharem
Em duras gargalheiras. Voa o cabo:
Agarra a hum, e a outro; e n'hum instante
Enche a cadeia de alentados negros.
Não se contenta o cabo com trazer-lhe
Os negros, que tem culpas: prende, e manda
Tambem nas grandes levas os escravos
Que não tem mais delictos, que fugirem
As fomes, e aos castigos, que padecem
No poder de senhores deshumanos.
Ao bando dos captivos se accrescentam
Muitos pretos já livres, e outros homens
Da raça do paiz, e da européa,
Que diz ao grande chefe são vadios,
Que perturbam dos povos o socego.
Não ha, meo Dorotheu, quem não se molde
Aos gestos, e aos costumes dos maiores.
Brincando os innocentes os imitam:
Se as tropas se exercitam, elles fingem
As horridas batalhas: se se fazem
Devotas procissões tambem carregam
Aos hombros os andores, e as charollas.
Os mesmos magistrados se revestem
Ao genio, e das paixões de quem governa.
Se o rei he piedoso, são benignos
Os severos ministros: se he tyranno,
Mostram os pios corações de feras.
Por isso, Dorotheu, hum chefe indigno
He muito, e muito máo porque elle póde
A virtude estragar de hum vasto imperio.
Os nossos commandantes, que conhecem

A vontade do chefe tambem querem
Imitar deste cabo o ardente zelo.
Enviam para as pedras os vadios
Que na fórma das ordens, mandar devem
Habitar em desterro novas terras.
Ora pois, doce amigo, já que fallo
Nos nossos commandantes, será justo
Que te dê destes bichos huma ideia.
A gente, Dorotheu, que não se alista
Nas tropas regulares, fórma corpos
De bizonha ordenança. Não ha terra
Sem ter hum corpo destes. Os seus chefes
Ao capitão maior estão sujeitos,
E são os que se chamam commandantes,
Porque as partes commandam destes terços.
Estes famosos chefes quasi sempre
Da classe dos rendeiros são tirados.
Alguns, inda depois de grandes homens
Se lhes faltam os negros a quem deixam
O governo das vendas, não entendem,
Que infamam as bengallas, quando pesam
A libra de toucinho, e quando medem
O frasco da caxaça. Agora attende,
Verás que desta escoria se levanta
De magistrados huma nova classe.
Aos ricos taberneiros disfarçados
E mar de commandantes manda o chefe
Que tratem da policia, e que não deixem
Viver nos seus districtos as pessoas
Que forem revoltosas. Quer que façam
A todos os vadios huns summarios
A que sem mais processos os remetam
Para remotas partes, sem que destas
Juridicas sentenças se faculte
Algum recurso para mór alçada.

Já viste, Dorotheu, hum tal desmancho?
As santas leis do reino não concedem
Do magistrado regio que execute
No crime o seu julgado, e o nosso chefe
Quer que dêem as sentenças sem appello
Incultos commandantes, que nem sabem
Fazer hum bom diario do que vendem?
Concedo, caro amigo, que estes homens
São huns grandes consultos, que metteram
Os corpos do direito nos seus cascos.
Ainda assim pergunto: e como pôde
O chefe conceder-lhes esta alçada?
Ignora a lei do reino, que numera
Entre os direitos proprios dos augustos
A criação dos novos magistrados?
O grande Salomão lamenta o povo,
Que sobre o throno tem hum rei menino:
Eu lamento a conquista a quem governa
Hum chefe tão soberbo, e tão estulto,
Que tendo já na testa brancas rêpas,
Não sabe ainda que nasceo vassallo.

Os nescios commandantes, e o hom cabo
Que fez nosso heróe geral meirinho,
Remettem nas correntes povo immenso.
Parece, Dorotheu, que temos guerras,
Que para recrutar as companhias,
De toda a parte vem chorosas levas.
Aqui, prezado amigo, principia
Esta triste tragedia: sim, prepara,
Prepara o branco lenço; pois não pódes
Ouvir o resto, sem banhar o rosto
Com grossos rios de salgado pranto.
Nas levas, Dorotheu, não vem sómente
Os culpados vadios: vem aquelle,
Que a divida pedio ao commandante;

Vem aquelle, que poz impuros olhos
Na sua mocetona: vem o pobre,
Que não quiz emprestar-lhe algum negrinho
Para lhe hir trabalhar na lavra, ou roça.

Estes tristes mal chegam, são julgados
Pelo benigno chefe a cem açoites.
Tu sabes, Dorotheu, que as leis do reino
Só mandam que se açoitem com a sola
Aquelles agressores, que estiverem
Nos crimes quasi iguaes aos réos de morte.
Tu tambem não ignoras, que os açoites
Só se dão por desprezo nas espadoas:
Que açoitar, Dorothen, em outra parte
Só pertence aos senhores, quando punem
Os caseiros delictos dos escravos.
Pois todo este direito se pretere:
No pelourinho a escada já se assenta,
Já se ligam dos réos os pés e braços,
Já se descem calções, e se levantam
Das immundas camisas rotas fraldas:
Já pegam dous verdugos nos zurragues;
Já descarregam golpes deshumanos;
Já sóam os gemidos, e respingam
Mundas gottas de pisado sangue.
Huns gritam que são livres; outros clamam
Que as sabias leis do rei os julgam brancos;
Este diz, que não tem algum delicto
Que tal rigor mereça; aquelle pede
Do injusto acusador ao ceo vingança:
Não allrouxam os braços dos verdugos;
Mas antes com taes queixas se duplica
A raiva dos tyrannos, qual o fogo
Que ao assopro dos ventos ergue a chamma.
As vezes, Dorotheu, se perde a conta
Dos cem açoites, que no meio estava;

Mas outra nova conta se começa.
Os pobres miseraveis já nem gritam
Cansados de gritar; apenas soltam
Alguns fracos suspiros, que enternecem.
Que he isso, Dorotheu, tu já retiras
Os olhos do papel? Tu já desmaias?
Já sentes as moções, que alheios males
Costumam infundir nas almas ternas?
Pois lies, prezado amigo, muito fraco:
Aprende a ter valor do nosso chefe,
Que a janella se poz, e a tudo assiste
Sem voltar o semblante para a ilharga;
E pôde ser, amigo, que não tenha
Esforço para ver correr o sangue,
Que em defeza do throno se derrama.
Aos pobres açoitados manda o chefe
Que prezos nas correntes dos forçados
Vão juntos trabalhar. Então se entregam
Ao famoso *tenente*, que os governa
Como sabio inspector das grandes obras.
Aqui, prezado amigo, principiam
Os seus duros trabalhos. Eu quizera
Contar-te o que elles soffrem nesta carta;
Mas tu, prezado amigo, tens o peito
Dos males, que já leste magoado;
Porisso he justo que suspenda a historia
Emquanto o tempo não te cura a chaga.



CARTA 4.

Em que se continua a mesma historia.

Maldito, Dorotheu, maldito seja
O vicio de hum poeta, que tomando
Entre dentes alguém, emquanto encontra
Materia em que discorra, não descança.
Agora, Dorotheu, mandou dizer-me
O nosso amigo Alieu que me embrulhasse
No pardo casacão, ou no capote,
E que pondo o casquete na cabeça
Fosse ao citio *Covão* jantar com elle.
Eu bem sei, Dorotheu, que tinha sopas
Com ave, e com presunto, sei que tinha
De marmota vitella hum gordo quarto;
Que tinha fricassés, que tinha massas;
Bom vinho de Canarias; finos doces,
E de mimosas fructas muitos pratos.
Porém, que importa, amigo, perdi tudo
Só para te escrever mais esta carta.
Maldito, Dorotheu, maldito seja
O vicio de hum poeta, pois o priva
De encher o seu bandulho pelo gosto
De fazer quatro versos, que bem podem
Ganhar-lhe huma massada, que só serve
De damno ao corpo sem proveito d'alma.
A carta, Dorotheu, a longa carta,

Que descreve a cadeia, finalisa
No ponto de que os prezos se remettem
Ao severo *tenente*, que preside
Como sabio inspector ás grandes obras.
Agora prosigamos nesta historia,
E demos-lhe o principio por tirarmos
Ao famoso inspector ao grão *tenente*
Em côres delicadas huma copia.
He de marca maior que a mediana;
Mas não passa a gigante. Tem huns hombros
Que o pescoço algum tanto lhe soffocam.
O seu cachaço he gordo, o ventre inchado,
A cara circular, os olhos fuidos;
O genio soberbão, grosseiro o trato;
Assopra de continuo, e falla muito;
Preza-se de fidalgo, e não se lembra
Que seu pai foi hum pobre de hum meirinho.
Que passou por augmento para a honra
De tratar das cobranças dos contractos
De que ficou devendo grandes sommas,
Signal de que foi hum bom velhaco.
O filho, Dorotheu, tomou-lhe as manhas,
Era hum triste pingante, que só tinha
O seu pequeno soldo; agora veio
Para inspector das obras, e já ronca,
Já empresta dinheiro, já tem casas;
Já tem trastes de custo, e ricos moveis;
Mas logo, Dorotheu verá o como.
Mal o duro inspector recebe os prezos,
Vão todos para a obra; alguns abrem
Os fundos alicerces; outros quebram
Com ferros e com fogo as grossas pedras.
Aqui, prezado amigo, não se attende
A's forças, nem aos annos. Mão robusta
De atrevido soldado move o velho,

Que a todos igualmente faz ligeiros.
Aqui não se concede de descanso
Aquelle mesmo dia, o grande dia
Em que Deos descansou, e em que nos manda
Façamos obras santas, sem que demos
Aos jumentos e bois algum trabalho.
Tusabes, Dorotheu, que hum tal serviço
Por huma civil morte se reputa.
Que peito, Dorotheu, que duro peito
Não deve ter hum chefe, que atormenta
A tantos innocentes por capricho?
Que se arrisque o vassallo na campanha
He huma justa acção, que a patria exige:
Nem este grande risco nos estraga
O pundonor, que vale mais que a vida;
Antes nos abre as portas para entrarmos
No templo do heroismo. Sim, nós temos,
Nós temos mil exemplos, muitos muitos,
Que ha seculos morreram pela patria
Na memoria dos homens inda vivem.
Mas arriscar vassallos innocentes
A's pedras que se soltam dos guindastes
E aos montes de *piçarra*, que desabam
Nos fundos alicerces, sem vencerem
Nem como jornaleiros tenue paga;
Pol-os ainda em cima na figura
Dos indignos vassallos, que se julgam
Em pena de delictos, como escravos,
Isto só para erguer huma obra grande
Que outra pequena suppre. He mais que injusto
He huma das acções que só praticam
Aquelles torpes monstros, que nasceram
Para serem na terra o mal de muitos.
Dirás tú, Dorotheu, que o nosso chefe
Não quer que os innocentes se maltratem:

Que o fero commandante he quem abusa
Dos poderes que tem. Prezado amigo,
Quem ama a sãa verdade, busca os meios
De a poder descobrir, e o nosso chefe
Despreza os meios de poder achal-a,
Que delles os processos, que nos mostram
As certezaas dos crimes? Quaes dos prezos
Os libellos das culpas contestaram?
Quaes foram os juizes que inquiriram
Por parte da defeza, e quaes patronos
Disseram de direito sobre os factos?
A santa lei do reino não consente
Punir-se, Dorotheu, aquelle monstro,
Que he réo de magestade, sem defeza.
E podem ser punidos os vassallos
Por aereos insultos, sem se ouvirem,
E sem outro processo mais que o dito,
E núa informação de hum homem nescio?
Hum louco, Dorotheu, faz mais ainda
Do que nunca fizeram os monarchas:
Faz mais que o proprio Deos: que Deos querendo
Punir em nossos pais a culpa grave
Primeiro lhes pedio, que lhe dissessem
Qual foi do seu delicto a torpe causa.

Passam, prezado amigo, de quinhentos
Os prezos, que se ajuntam na cadeia.
Huns dormem encolhidos sobre a terra
Mal cobertos de trapos, que molharam
De dia no trabalho: Os outros ficam
Ainda mal sentados, e descansam
As pezadas cabeças sobre os braços,
Em cima dos joelhos encruzados.
O calor da estação, e os máos vapores,
Que tantos corpos lançam, mui bem podem
Empestar, Dorotheu, extensos ares.



A pallida doença aqui bafeja
Batendo brandamente as negras azas.
Aquelle, Dorotheu, a quem penetra
Este halito mortal, as forças perde.
Tem dores de cabeça, e n'hum instante
Abraza-se de calor, de frio treme.
Fazem os seus deveres os affectos
Do nosso grão tenente, amor, e odio,
Aquelle que risonho lhe trabalha,
Nas suas proprias obras, he mandado
Curar-se á santa casa, como pobre.
Os outros são tratados, como servos,
Que fogem ao trabalho dos senhores.
Para as correntes vão, arrancam pedra;
E quando algum fraquea, o máo soldado
Dá-lhe hum berro, que atrôa, a mão levanta,
E nas costas o relho descarrega.

Ah! tu, piedade santa, agora, agora
Os teus ouvidos tapa, e fecha os olhos;
Ou fôge de huma terra, onde hum Nero,
Onde os seus sequazes cada dia
Para o pranto te dão motivos novos.

O fogo, Dorotheu, que vai moendo,
Depois de bem moer, a chamma atêa,
E a materia consome em breve instante.

Assim a podre febre, que rosa
Aos miseros enfermos pouco a pouco
Erguendo qual o fogo a lavareda
A'força do cançasso que resulta
Do trabalho, e do sol, consome, e mata.
Huns cahem com os pezos que carregam,
E das obras os tiram pios braços
Dos tristes companheiros. Outros ficam,
Ficam allí nas mesmas obras estirados.
Acodem mãos piedozas: qual trabalha



Por ver se pôde abrir as grossas pegas;
E qual o copo d'agua lhe ministra,
Que, ferrados os dentes, já não bebem.
Huns a cara borrifam, outros tomam
Os debeis pulsos que parando fogem
Ah! não mais compaixão, não mais desvello!
O socorro chegou, mas foi mui tarde.
Cobrem-se os membros de hum suor já frio
Os cheios peitos arquejando roncam,
E vertem humas lagrimas sentidas,
Que só lhes descem dos esquerdos olhos
Amarella-se a cor, baça a vista,
O semblante se afla, o queixo afrouxa,
Os gestos, e os arrancos se suspendem,
Nenhum mais bole, nenhum mais respira

Assim, meo Dorotheu, sem hum remedio,
Sem fazerem despeza em hum só caldo,
Sem sabio director, sem sacramentos,
Sem a vella na mão, na dura terra
Estes pobres acabam seus trabalhos.

Que esperas, duro chefe, que não contas
A corte os teus triumphos! Tu não podes
Mandar alqueires dos aneis tirados
Dos dedos, que cortaste nas campanhas:
Mas de algemas, de pegas, de correntes
Podes mandar á corte immensos carros.
Tu podes... mas amigo não, gastemos
Todo o tempo em contar sentidas cousas,
Façamos menos triste a a nossa historia:
Misturemos os casos que magoam

Com successos, que sejam menos fortes;
Não bastam, Dorotheu, galés immensas.
São outros mais socorros necessario.
Para crescerem as soberbas obras
Ordena o grande chefe, que os roceiros,

E outros quaesquer homens que tiverem
Alguns bois de serviço promptos mandem
Os bois mais os negros, que os governem,
Durante huma semana de trabalho.
Ordena ainda mais, que neste tempo
Não recebam jornal; antes que tragam
O milho para os bois de seus celleiros.
Que he isso, Dorotheu, abriste a boca?
Ficaste embasbacado? Não suppunhas,
Que o nosso grande chefe se sabbisse
Com huma tão formozza providencia?
Nisto de economia he elle o mestre.
Está para compor huma obra, aonde
Quer o modo ensinar de não gastarem
As tropas cousa alguma no sustento
Deos o deixe viver até que chegue,
A pol-a, Dorotheu, no mesmo estado
Em que estão os volumes, onde existem
Os despachos que deo no seu governo.
Ora ouve, Dorotheu, attende, e pasma.

Para se sustentarem os forçados,
Os generos se comporam com bilhetes,
Que paga o thesoureiro quando pôde;
É sobre esta fiança ainda se tomam
Por muito menor preço do que correm.
As tropas que carregam mantimentos
Apenas descarregam, vão de graça
A distante caieira com soldados
Buscar queimada pedra. Daqui nasce
Os tropeiros fugirem, e chorarmos
A grande carestia de sustento.
Responde, louco chefe, se tu pôdes
Taes violencias fazer, não era menos
Lançares sobre os povos hum tributo?
Os homens que tem carros, e os que vivem

De viveres venderem, são acaso,
Aos mais inferiores nos direitos?
Esta cadêa he sua, porque deva
Sobre elles carregar tamanho pezo?
E o povo quando compra tudo caro
Não paga ainda mais do que pagara,
Se hum modico tributo se lançasse
A' proporção dos bens de cada membro?
Amigo Dorotheu, quem rege os povos,
Deve ler de continuo os doutos livros,
E deve só tratar com sabios homens
Aquelle que consome as largas horas
A fallar com os nescios, e peraltas,
A meter entre as pernas os perfumes,
E a concertar as pontas dos lencinlios;
Não nasceo para cousas que são grandes.
Que nestas bagatellas não consomem
O tempo proveitoso as nobres almas.
Quem não quer, Dorotheu, mandar o carro
Com o nosso *tenente* se concerta,
Onde vá tal dinheiro ninguem sabe
Só sabemos por hora, que o tenente,
Sem ter outro negocio, que lhe renda,
De pingante passou a potentado.
Sabemos tambem mais... porém, amigo,
De fallar nestas, cousas já me enfiado
Omitto outros successos, que lastimam,
E só vou contar-te huma linda historia,
Para fechar com ella a minha carta.
Distante nove leguas desta terra
Ha huma grande ermida, que se chama
Senhor de Mattozinhos. Este templo
Os devotos fieis a si convoca
Por sua architectura pelo sitio;
E ainda muito mais pelos prodigios,

Com que Deos ennobrece a Santa Imagem.
Este famozo templo tem hum carro,
Comprado com esmollas, que carrega
As pedras, e madeiras, que ainda faltam.
O commandante austero notifica
A veneranda imagem na pessoa
Do zeloso ermitão, para que mande
O carro com os bois servir nas obras,
Mal lhe couber o turno da semana.
Faz-se huma petição ao nosso chefe
Em nome do Senhor; aqui se allega,
Que o carro, que elle tem, se occupa ainda
Na pia construcção da sua casa.
Que elle Christo não tem nenhuma renda
Senão esmollas tenues; que só devem
Gastar-se no seu templo, e no seu culto,
Conforme as intenções de quem as pede.
Apenas vio o chefe o peditório,
Quiz ao Christo mandar que lhe ajuntasse
O titulo que tinha, porque estava
Isento de pagar os seus impostos:
Que elle sabe mui bem, que o mesmo Christo
Matidou ao velho Pedro, que pagasse
Ao Cesar os tributos em seu nome:
E Christo figurado em huma imagem,
Não tem mais isenções, que teve o proprio.
Pegava o seu *Matuzio* já na pena
Quando lembra ao bom chefe, o que decretam
Os canones da igreja, que concedem
Que para se fazerem obras pias,
Até a sacros vasos se alienem.
Infero daqui logo, que este carro
Não goza de isenção, porque supposto;
Que se possa numerar nos bens da igreja
Conforme as decretaes, até podia

Neste caso vender-se: por ser obra
Mais pia, do que todas, a cadeia.
Lança mão elle mesmo então da penna,
E põe na petição hum *escuzado*
Com huns rabiscos taes, que ninguem sabe
Ao menos conhecer-lhe huma só letra.
Agora dirás tu; meu bom Critillo,
Não se isentar a Christo desse imposto,
Foi hum teção, mas necessario,
Por não se abrir a porta a mãos exemplos.
Antes o Santo Christo he que devia
Mandar o carro logo, como mestre
De sublime virtude: e desta sorte
Obrou o mesmo Christo n'outro tempo,
Mandando, que pagasse Pedro a Cesar,
O tributo por elle, quando estava
Por hum dos filhos ser, mui bem isento.
Mas se esse Santo Christo não podia
Por dias disfarçar os bois, e carro
Porque não se valeo do tal *Matuzio*,
Do poeta *Roberio*, e de outros muitos,
Por quem aqui se canta, que pratica
O grande *Fanfarrão* os seus milagres?
Tu instas, Dorotheu, como hum mestraço,
Quando por defender a sua escola,
Arregaçando o braço, o pé batendo,
E inchando as cordovêas, grita, e ralha.
Mas eu, prezado amigo, com bem pouco
Te boto esse argumento todo abaixo.
Em primeiro lugar o Santo Christo
He homem muito serio, e por ser serio
Não tem com essa gente hum leve trato.
Em segundo lugar, he muito pobre,
Só dá aos seus devotos indulgencias,
Com os annos de perdão; e destas drogas

Não fazem taes validos nenhum caso.

Ora pois, louco chefe, vai seguindo

A tua pretensão: trabalha embora

Por fazer immortal a tua fama.

Levanta hum edificio em tudo grande,

Hum soberbo edificio que desperte

A dura emulação na propria Roma:

Em cima das janellas, e das portas,

Põe sabias inscrições, põe grandes bustos,

Que eu lhes porei por baixo os tristes nomes

Dos pobres innocentes que gemeram

Ao pezo dos grilhões; porei os ossos

Daquelles, que os seus dias acabaram,

Sem Christo, e sem remedios, no trabalho.

E nós, indigno Chefe, e nós veremos

A quaes destes padrões não gasta o tempo.



CARTA 5.ª

Em que se contam as desordens feitas nas festas que se celebraram nos desposorios do nosso serenissimo infante com a serenissima infanta de Portugal.

Tu já tens, Dorotheu, ouvido cousas,
Que podem commover a triste pranto
Os seccos olhos dos crueis Ulysses.
Agora, Dorotheu, enxuga o rosto,
Que eu passo a relatar-te cousas lindas.
Ouvirás huns successos que te obriguem
A soltar gargalhadas descompostas,
Por mais que a bocca com a mão apertes,
Por mais que os beiços já convulsos mordas.
Eu creio, Dorotheu.... porém aonde
Me leva tão errado o meu discurso?
Não esperes, amigo, não esperes
Por mais galantes casos que te conte,
Mostrar no teu semblante hum ar de riso.
Os grandes desconcertos que executam
Os homens que governam, só motivam
Na pessoa composta horror, e tedio.
Quem póde, Dorotheu, zombar contente
Do Cesar dos Romanos que gastava
As horas a caçar immundas moscas?
Apenas isto lemos, o discurso
Se afflige na certeza de que hum Cesar
De espiritos tão baixos não podia
Obrar hum facto bom no seu governo.

Não esperes, amigo, não esperes
Mostrar no teu semblante hum ar de riso,
Espera quando muito ler meus versos,
Sem que molhe o papel amargo pranto,
Sem que rompa a leitura alguns suspiros.

Chegou á nossa Chile a doce nova
De que real infante recebera.
Bem digna do seu leito casta esposa,
Reveste-se o bachá de genio alegre,
E para bem fartar os seus desejos,
Quer que as despezas do senado e povo
Arda em grandes festins a terra toda.
Escreve-se ao senado extensa carta
Em ar de magestade, em phrase moura,
E nella se lhe ordena que prepare
Ao gosto das Hespanhas, bravos touros.
Ordena-se tambem que nos theatros
Os tres mais bellos dramas se estropiem
Repetidos por boccas de mulatos;
Não esquecem emfim as cavalhadas.
Só fica, Dorotheu, no livre arbitrio
Dos pobres camaristas repartirem
Bilhetes de convite pelas damas.
Amigo, Dorotheu, ah! tu não podes
Pezar o desconcerto desta carta,
Emquanto não souberes a lei propria,
Que aos festejos reaes prescreve a norma.

Emquanto, Dorotheu, a nossa Chile
Em toda a parte tinha a flor da terra
Extensas abundantes minas d'ouro;
Emquanto os taberneiros ajuntavam
Immenso cabedal em poucos annos,
Sem terem nas tabernas fedorentas
Outros mais sortimentos, que não fossem
Os queijos, a cachaça, o negro fumo,

E sobre as prateleiras poucos frascos:
Emquanto emfim as negras *quitandeiras*
A' custa dos amigos só trajavam
Vermelhas capas de galões cobertas,
De galacés e tissos, ricas saías:
Então, prezado amigo, em qualquer festa
Tirava liberal o bom senado
Dos cofres chapeados grossas barras.
Chegaram taes despezas á noticia
Do rei prudente, que a virtude presa;
E vendo que estas rendas se gastavam
Em touros, cavalhadas, e comedias,
Applicar-se podendo a cousas santas:
Ordena providente, que os senados
Nos dias em que devem mostrar gosto
Pelas reaes fortunas se moderem,
E só façam cantar nós templos os hymnos
Com que se dão aos céos as justas graças.
Ah! meu bom Dorotheu, que feliz fóra
Esta vasta conquista, se os seus chefes
Com as leis dos monarchas se ajustaram;
Mas alguns não presumem ser vassallos,
Só julgam que os decretos dos augustos
Tem força de decretos, quando ligam
Os braços dos mais homens que elles mandam,
Mas nunca quando ligam os seus braços.

Com esta sabia lei replica o corpo
Dos pobres senadores, e pondera
Que o severo juiz que as contas toma,
Não lhes ha-de approvar tão grandes gastos.
Da sorte, Dorotheu, que o bravo potro
Quando a sella recebe a vez primeira,
Emquanto não sacode a sella fóra,
E faz em dous pedaços sella e redea;
Mette entre os duros braços a cabeça,

E dá, saltando aos ares, mil corcóvos :
Assim o irado chefe não atura
O freio desta lei; espuma e brama,
E enquanto entende que o senado zela
Mais as leis que o seu gosto, não descança.
Aos tristes senadores não responde,
Mas manda-lhes dizer que a não fazerem
Os pomposos festejos, se preparem
Para serem os guardas dos forçados,
Trocando as varas em chicote e relho.
Já vistes, Dorotheu, que o grande chefe,
O defensor das leis, o mesmo seja,
Que insulte, que ameace os bons vassallos,
Que as santas leis respeitam? Pois ainda,
Ainda, Dorotheu, não vistes nada,
Hum monstro, hum monstro destes não entende
Que existe algum maior, que ousado possa
Ou na terra ou no céu tomar-lhe conta:
Infeliz, Dorotheu, de quem habita
Conquistas de seu dono tão remotas!
Aqui o povo geme, e os seus gemidos
Não podem, Dorotheu, chegar ao throno,
E se chegam succede quasi sempre
O mesmo que succede nas tormentas
Aonde o leve barco se soçobra.
Aonde a grande náu resiste ao vento.
Que peito, Dorotheu, que peito póde
Constante persistir nos são projectos,
Ouvindo as ameaças do tyranno,
E junto já de si o som dos ferros!
Sómente, Dorotheu, os homens santos,
Que a sua lei defendem, vêem os potros,
Vêem cruzas, cadafalsos, e cutellos,
Com rosto socegado. Os outros homens
Não podem, Dorotheu, não podem tanto.

A' força do temor, o bom senado
Constancia já não tem, affrouxa e cede.
Sómente se disputa sobre o modo.
De ajuntar-se o dinheiro com que possa
Supprir tamanho gasto o grande *Alberga*.
Huns dizem, que das rendas do senado,
Tiradas as despesas pouco sobra;
Os outros accrescentam, que se devem
Parcelas numerosas impagaveis,
A's consternadas amas dos expostos.
Huns ralham, outros ralham: mas que importa;
Todos arbitrios dão, nenhum acerta.
Então o grande *Alberga* que preside,
Vendo esta confusão na meza bate,
E levantando a voz pauzada, e forte,
A importante questão assim decide
Ha dinheiro, senhores, ha dinheiro:
Vendam-se os castiçaes, tinteiro e bancos,
Venda-se o proprio panno, e meza velha,
Quando isto não nos baste, ha bom remedio;
As fazendas se tomem, não se paguem,
E pará authorisardes esta industria,
Eu vos dou cidadãos, o meu exemplo.
Intentam replicar-lhe os camaristas,
A tão baixos calotes nunca affeitos;
Mas elle que não soffre mais instancias,
As grossas sobranceilhas arqueando,
Desta sorte prosegue em tom azedo:
Se os meus santos conselhos se desprezam,
Depressa vou queixar-me ao nosso chefe.
Ah! pobres cidadãos, se assim o faço!
Já se me representa que vos sinto
Gemer debaixo dos pezados ferros!
Só tu maroto, *Alberga*, só tu pódes
Desta sorte fallar aos teus collegas!

Que importa, que os accuses, e que importa
Que os prenda com grilhões, o duro chefe?
São ferros, e estes ferros mui honrados,
Que a honra só consiste na innocencia.
Apenas, Dorotheu, o vil *Alberga*
Falla em queixa fazer ao nosso chefe,
De susto os camaristas, nem respiram:
Quaes chorosos meninos, que emmudecem
Quando as amas lhe dizem: cala, cala
Que lá vem o tutú, que papa a gente.

Mandam-se apregoar as grandes festas
Acompanha ao pregão luzida tropa
De velhos senadores: estes trajam
A modo cortezão, chapéos de plumas;
Capas com bandas de vistosas sedas.

Chega emfim o dia suspirado,
O dia do festejo; todos correm
Com rosto de alegria ao santo templo
Celebra o velho bispo a grande missa;
Porém o sabio chefe não lhe assiste
Debaixo do espaldar ao lado esquerdo.
Para a tribuna sóbe, e alli se assenta.
Uns dizem, Dorotheu, fugio prudente,
Por não ver assentados os padrecos
Na capella maior acima delle.
Os outros sabichões, que a causa indagam
Discorrem, que o senado lhe devia
Erguer no presbytério docel branco,
Em honra de elle ser lugar tenente.
Mas eu com estes votos não concordo,
E julgo affeito, que a razão foi esta:
Porque estando patente, e tendo posto
O seu chapéo em cima da cadeira,
Podera duvidar-se; se devia
O bispo ter a mitra na cabeça.

Acabou-se a função: o nosso chefe
A' casa com o bispo se recolhe.
A nobreza da terra os acompanha
Até que montem a doirada sege.
Aqui, meu Dorotheu, o chefe mostra
O seu desembaraço, e o seu talento.
Só n'humã função destas se conhece
Quem tem andado terras, onde habitam
Despidas dos abusos, sabias gentes.
Vai passando por todos, sem que abaixe
A emproada cabeça; qual mandante;
Que passa pelo meio das fileiras.
Chega junto á sege, á sege sobe
E da parte direita toma assento.
O bispo, o velho bispo atraz caminha
Em ar de quem se teme da desfeita:
Com passos vagarosos chega á sege,
Encaixa na estribeira o pé cançado,
E duas vezes por subir forceja.
Acodem alguns padres respeitosos,
E por baixo dos braços o sustentam:
Então com mais alento o corpo move,
Dá o terceiro arranco, o salto vence;
E sem poder soltar huma palavra,
Ora vermelho, ora amarello fica
Do nosso *Fanfarrão* ao lado esquerdo.
Agora dirás tu, que bruto he esse?
Póde haver hum tal homem, que se atreva
Á pôr na sua sege ao seu prelado
Da parte da bolça. Eu tal não creio.
Amigo, Dorotheu, estás mui ginja.
Já lá vão os rançosos formularios,
Que guardavam á risca os nossos velhos
Em outro tempo, Amigo, os homens serios
Na rua não andavam sem florete,

Traziam cabelleira grande, e branca,
Nas mãos os seus chapéus, agora amigo,
Os nossos proprios becas tem cabelo;
Os grandes sem florete vão á missa,
Com a chibata na mão, chapéu caixado,
Na fôrma em que passeiam os caixeiros.
Ninguem antigamente se sentava
Senão direito, e grave nas cadeiras,
Agora as mesmas damas atravessam
As pernas sobre as pernas. N'outro tempo
Ninguem se retirava dos amigos,
Sem que dissesse, — adeos — agora he moda
Sahirmos dos congressos em segredo
Pois corre, Dorotheu, a paridade,
Que os costumes se mudam c'os tempos.
Se os antigos fidalgos sempre davam
O seu direito lado a qualquer padre,
Acabou-se esta moda, o nosso chefe
Vindica os seus direitos: vê que o bispo
He hum grande que foi ha pouco frade,
E não pôde hombrear com quem descende
De hum bravo *patagão*, que sem disputa
Lá nos tempos de Adão já era grande.
Na tarde, Dorotheu, do mesmo dia
Sahe huma procissão, de poucos negros,
E padres revestidos só composta.
Que os brancos, e os mulatos se occupavam
Em guarnecer as ruas, pois que todos
Alistados estão nas regias tropas.
Caminha o nosso chefe todo adonis
Diante da bandeira do senado.
Alguns dos rigoristas não approvam,
Dizendo, que devia respeitoso,
Da maneira que sempre praticaram
Os seus antecessores, hir ao lado;

Por ser esta bandeira hum estandarte,
Onde tremulam do seu reino as armas.
Mas eu o não censuro, antes lbe louvo
A prudencia que teve; pois suppunha
Que á vista do seu sangue e seu character
Podia muito bem querer metter-se
Debaixo, Dorotheu, do proprio pallio.
Que destras evoluções não fez a tropa!
Huns ficam ao passar do Sacramento
Com as suas barretinas nas cabeças:
Os outros se descobrem, e ajoelham;
E em quanto não se avançam o grande chefe
Prostrados se conservam, e devotos
Não cessam de ferir os brandos peitos.
Ah! grande general, com esta tropa
Tu pôdes conquistar o mundo inteiro!
Foram muito felices os Lorenas,
Os Condés, os Eugénios, e outros muitos,
Em tu não floreceres nos seus tempos!
Meu caro, Dorotheu, os çapateiros
Entendem do seu couro; os alfaiates
Entendem de vestidos; em fim todos
Podem bem entender dos seus officios.
Porém querer o chefe, que se formem
Disciplinadas tropas de tendeiros,
De moços de tavernas, de crianças,
E bizonhos roceiros, he delirio:
Que o soldado não fica bom soldado,
Sómente porque veste farda curta,
Porque limpa as correias, tinge as botas,
E com trapos engrossa o seu rabicho.
A negra noite em dia se converte
A' força das tigellas, e das tochas,
Que em grande copia nas janellas ardem.
Aqui o bom *Roberto* se distingue,

Compõe algumas quadras, que baptisa,
Com o distincto nome de epigrama,
E pedante rendeiro as dependura
Na dilatada fronte, que illumina
Fazendo-as escrever em lindas tarjas.
Rançoso, e mão poeta, não nascestes
Para cantar heróes, nem cousas grandes.
Se te queres moldar aos teus talentos,
Em tosca phrase do paiz sómente,
Escreve trovas, que os mulatos cantem.

Andava, Dorotheu, alegre a gente
Em bandos pelas ruas. Então vejo
Ao famoso *Roquerio* neste traje:
As chinellas nos pés, descalça a perna,
Hum chapéo muito velho na cabeça,
E fóra dos calções a porca fralda,
Em hum rotó capote mal se embrulha,
E grande varapáo na mão sustenta,
Que mais de estorvo que de arrimo serve,
Pois a cachaça ardente, que o alegra,
Lhe tira as forças dos robustos membros,
E põe-lhe pezo na cabeça leve.
Não repares, amigo, que te conte
Este successo, que parece estranho:
Este grande *Roquerio* he hum daquelles
Que assenta á sua meza o nosso chefe.
Agora, amigo, vê se esta pintura,
Não pôde muito bem á nossa historia,
Sem violencia servir tambem de enfeite?
Fiquemos, Dorotheu, aqui por ora,
Pois de tanto escrever a mão já cança:
Em outra contarei o mais que resta,
E vi no grão passeio, e mais no curro,
Onde as cavalhadas se fizeram,
E aonde os mãos capinhas maltrataram
Em vez de toiros, mansos bois, e vacas.

CARTA 6.ª

Em que se conta o resto dos festejos.

Eu hontem, Dorotheu, fechei a carta,
Em que te relatei da igreja as festas,
E como trabalhava por lembrar-me
Do resto do festejo: Mal descanço
Na cama os lassos membros, me parece
Que vou entrando na formosa praça.
Não vejo, Dorotheu, hum curro feito
De pedaços informes de outros curros.
Sim vejo o mesmo curro, que o bom chefe
Riscou na sua praia, e nelle vejo
As mesmas armações, e as mesmas caras:
Ora vou, doce amigo, aqui pintal-o.
Na frente se levanta hum camarote
Mais alto do que todos huma braça.
Enfeitam seu prospecto lindas colxas,
M pendentes cortinas de damasco;
A' direita se assenta o nosso chefe.
Os regios magistrados não o cercam,
Nem o cerca tambem o nobre corpo
Dos velhos cidadãos, aquelle mesmo
Que faz de toda a festa os grandes gastos:
Com elle só se assenta a sua corte,
Que toda se compõe de feros Martes.
Aqui alguns conheço, que inda vivem

De darem o sustento, o quarto, a roupa,
E capim para a besta a quem viaja.
Conheço outros muitos, de quem dizem
Que foram almocreves e tendeiros,
Que foram alfaiates, e fizeram
Puxando a dente o coiro bem sapatos.
Ah! meu prezado amigo, não terias
De veres que estes são aquelles grandes,
Que em presença do chefe encostar podem
Os queixos nos bastões das finas canas.
Nas polidas Italias não se vendem
Honrosos senhorios, e condados?
Diz tambem, Dorotheu, na nossa Chile
Se vendem os empregos militares,
Largar ouro a Matuzio importa, amigo,
Que soffrer em Madrid o duro pezo
Da luzente armadura longos annos.
Nos outros adornados camarotes
Assistem as familias mais honestas
Aqui nada se vê que pobre seja.
Recreia, Dorotheu, recreia a vista
O vario dos matizes; cega os olhos
O continuo brilhar das finas pedras.
No meio de hum palanque então descubro
A minha, a minha Nize: está vestida
Da côr mimoza com que o céo se adorna.
Oh quanto, oh quanto he bella! a verde Olay:
Quando se cobre de cheirosas flores,
A filha de Thaumante quando arqueira
No meio da tormenta o lindo corpo:
A mesma, a mesma Venus quando toma
O grosso escudo, e lança, porque vença
A paixão do Deos Marte com mais força:
Ou quando lacrimosa se apresenta
Na sala de seu pai, para que salve

Aos seus Troyanos das soberbas ondas:
Não he, como ella tão formosa.
Qual o tenro menino a quem se chega
Defronte do semblante acêza a vela
Humas vezes suspenso, outras risonho,
Os olhos arregala, e bem que o chamem,
A teza vista não separa della:
Assim eu, Dorotheu, apenas vejo
A minha bella Nize, no seu rosto
Emprego os olhos, que se arrasam d'aguas;
E por mais que me chamem, e que me abalem,
De embebido que estou não sinto nada
No meio, Dorotheu, de tanto assombro.
Me finge a perturbada phantazia
Novo successo, que me afflige, e cança.
Apparece no curro passeando
Sexagenario velho em ar de moço,
Traja huma curta veste, e calções largos
Da cor da secca roza, a quem rodêa
O brilhante galão de fina prata.
Na bolsa do cabello, que se adorna
De duas negras plumas, e de flocos,
Branquejavam os vidrilhos; e no peito,
De flores se sustenta hum grande môlho;
Traz dous anneis nos dedos, e fivellas
De amarellas topazios. Não caminha,
Sem que avante caminhe hum branco pagem
Atraz a cadeirinha, e seu moleque
Em fórma de lacaio. Ah! velho tonto,
Esse teu tratamento imita, imita
Ao estado que tem o rei de congo.
Mal ponho os olhos no caduco Adonis,
Então se me afigura, que elle offerta
A Nize huma das flores, e que Nize
Com ar risonho no seu peito a prega.

Aos zelos, Dorotheu, ninguem resiste :
Sentem a sua força os altos Deoses,
Os homens, mais as feras; e em Critillo
Não pôdes esperar paixões diversas.
Apenas isto vejo, exasperado
Metto mão ao florete, e quando intento
O peito traspassar-lhe, então acordo;
E vendo-me as escuras sobre a cama,
Conheço que isto tudo foi hum sonho.

Piatei-te, Dorotheu, o grande curro
Da sorte que minha alma o vio sonhando,
Agora vou pintar-te os mais successos
Que impressos inda tenho na memoria.

Ainda, Dorotheu, no largo curro
Caretas não brincavam, nem se viam
Nos razos camarotes altas popas,
Enfeites com que lustram nescias damas,
Quando já no castello de madeira
As peças fusilavam; signal certo
De que o nosso heróe e o velho bispo
No adornado palanque se assentavam:
Agora dirás tu, he forte pressa!
Os chefes nos theatros entram sempre
A's horas de correr-se acima o panno;
Amigo Dorotheu, tu nunca viste
Hum criança a quem a mãe promette
Leval-a a ver de tarde alguma festa,
Que logo de manhã á mãe persegue,
Pedindo que lhe dispa os fatos velhos?
Pois eis-aqui, amigo, o nosso chefe
Não quer perder de estar casquilho e teso
No erguido camarote hum breve instante.

Chegam-se enfim as horas do festejo,
Entra na praça a grande comitiva,
Trazem os pageus as compridas lanças

De fitas adornadas; vem á dextra
Os formosos ginetes arreados.
Seguem-se os cavalleiros, que cortejam
Primeiro ao bruto chefe, logo aos outros,
Dividindo as fileiras pelos lados,
Não ha quem o cortejo não receba
Em ar civil e grato: só o chefe
O corpo da cadeira não levanta
Nem abaixa a cabeça; qual o dono
Dos miseros escravos, quando juntos
A benção vão pedir-lhe, porque sejam
Ajudados de Deos no seu trabalho.

Feitas as cortezias do costume
Os destros cavalleiros galopeam
Em circulos vistosos pelo campo
Logo se formam em diversos corpos
A' maneira das tropas, que apresentam
Sanguinosas batalhas; são trompas,
São os ataballes e fagotes,
Os clarins, os boés, e mais as frautas.
O fioso ginete as ventas abre,
E bate com as mãos na dura terra:
Os dous mantenedores já se avançam.
Aqui, prezado amigo, aqui não lutam
Como nos espectaculos romanos
Com formosos leões, malhados tigres,
Os homens peito a peito e braço a braço.
Jogam-se encontroadas, e se atiram
Redondas alcancias, curtas cannas,
De que o destro inimigo se defende
Com fazel-as no ar em dous pedaços.
Ao fogo das pistolas se desfazem
Nos postos as cabeças; humas ficam
Dos ferros traspassadas, outras vão
Sacodidas das pontas das espadas.

Airoso cavalheiro ao hombro encosta
A lança no principio da carreira,
No ligeiro cavallo a espora bate;
Desfaz com mão igual o ferro, e logo
Que leva huma argolinha a redea toma,
E faz que o bruto pare. Dous côros
Applaudem o successo, enchendo os ares
De grata melodia. Então vaidoso
Guiado de hum padrinho ao chefe leva
O signal da victoria que segura
Na dextra, aguda lança. O bruto chefe
Accita a offerta em ar de magestade,
A' maneira dos amos quando tomam
As cousas que lhe dão os seus criados.
Destes e n'outros brincos innocentes
Se passa, Dorotheu, a alegre tarde.

Já no sereno céu resplandeciam
As brilhantes estrellas: os morecos
E as toucadas corujas já voavam
Quando, prezado amigo, nas janellas
Do nosso Sam Tiago se acendiam
Em signal de prazer as luminarias;
Ordem pois nas janellas de palacio
Duas tochas de pão, e sobre a frente
Da casa do senado se levanta
Huma extensa armação, a quem enfeitam
Quatro mil tigellinhas. Meu *Alberga*,
Aqui o premio tens do teu trabalho.
Tu farás de torcidas e de azeite
Aos tristes camaristas contas largas;
E as arrobas de sebo que não arde,
Resfeitas em sabão mui bem te podem
Toda a roupa lavar por muitos annos.

Nas margens, Dorotheu, do cujo carg
Que banha da cidade a longa fralda,

Ha huma curta praia toda cheia
De já lavados seixos: neste sitio
Hum famoso passeio se prepara.
Ordena o sabio chefe, que se cortem
De verdes laranjeiras muitos ramos;
E manda que se enterrem nesta praia
Fingindo largas ruas. Cada tronco
Tem debaixo das folhas huma taboa
Sem lavor, nem pintura, que sustenta
Doze tigellas de grosseiro barro.
No meio do passeio estão abertas
Duas pequenas covas pouco fundas,
Que lagos se appellidam: sobre as bordas
Ardem mil tigellinhas, e o azeite
Que corre, Dorotheu, dos cavos cacos
Inda he mais do que são as sujas aguas,
Que nem os fundos cobrem destes tanques.
A tão formoso sitio tudo acode,
Ou seja de hum, ou seja de outro sexo,
Ou seja de huma, ou seja de outra classe.
Aqui lascivo amante sem reboço
A' torpe concubina offerta o braço;
Ali mancebo ousado assiste, e falla
A' simples filha, que seus pais recatam.
A ligeira mulata em trajés de homem
Dança o quente lundum, e o vil batuque:
Aos cantos do passeio inda se fazem
Acções mais feás, que a modestia occulta.
Meu caro, Dorotheu, meu doce amigo,
Se queres que este sitio te compare
Como serio poeta, aqui tens Chypre
Nos dias em que os povos tributavam
A' deosa tutellar alegres cultos.
Se queres que o compares como hum homem,
Que alguma voção tem das sacras letras,

Aqui Sodoma tens, e mais Gomorrha.
Se queres finalmente que o compares
A lugar mais humilde em tom jocoso,
Aqui, amigo tens esse afamado
Quilombo, em que viveo o pai *Ambrosio*.

Depõe o nosso chefe a magestade,
E por ver as madamas rebuçado,
No capote de berne corre as ruas
Seguido, Dorotheu, das suas guardas.
Depois de dar seus gyros vai sentar-se
Em hum dos toscos bancos, onde tomam
Assento certas moças, que puderam
Não sei porque razão cahir-lhe em graça,
Não diz huma fineza a taes mocinhas,
Pois não he, Dorotheu, porque não saiba,
Que elle tem muito estudo de Florinda,
Da roda da fortuna, e de outros livros,
Que dão aos seus leitores grande massa.
He sim por sustentar a gravidade
Que no publico pede o seu emprego
Mas para lhes mostrar o quanto as presa
(O' força milagrosa de bestunto!)
Descobre esta feliz, e nova traça :
Vai sentar-se na ponta do banquinho,
Humas vezes suspende ao ar o corpo,
Outras vezes carrega sobre a taboa.
E desta sorte, faz, que as bellas moças
Movidas do balanço dêem no vento
Milhares, e milhares de embigadas.

Chega-se, Dorotheu, defronte delle
Hum mascara prendado. Não estima
Os discretos conceitos, nem se agrada
De ver executar vistosos passos.

Manda sim, que arremede hum nosso bispo,
Que arremede tambem o modo, e gesto

De hum nosso general. São estes mômos,
Os unicos que podem commovel-o
No publico a mostrar risonha cara.
Oh alma de fidalgo, oh chefe indigno,
De vestir a libré de hum vil lacaio.
Cresceram, doce amigo, alguns foguetes
Da noite em que o senado fez no curro,
De polvora queimar barriz immensos.
E huma noite clara qual o dia
Ordena, que os foguetes vão aos ares,
Vai-se pôr no passeio reclinado
Sobre hum monte de pedras: faz-lhe côrte,
A velha poetisa, que repete
Hum soneto, que fez a certos males.
Começam os vapores do ribeiro
A formar sobre a terra nuvens densas :
Não se vêem dos foguetes os chuveiros
Não se vêem as estrellas, nem as cobras ;
Mas elle os deixa arder, e gasta a noite
Contente com ouvir alguns estallos,
E a bulha que elles fazem quando sobem.

Já chega, Dorotheu, o novo dia,
O dia em que se correm, bois, e vaccas ;
Amigo Dorotheu, he tempo, he tempo,
De fazer-te excitar no peito brando
Affectos de ternura, de odio e raiva.
No dia, Dorotheu, em que se devem
Correr os mansos toiros, acontece
Morrer a casta esposa de hum mulato,
Que a vida ganha por tocar rabeca.
Dá-se parte do caso ao nosso chefe :
Este, prezado amigo, não ordena
Que outro *Matuzio* vá no lugar delle
A rabeca tocar no prompto carro.
Ordena que elle escolha, ou a cadêa,

Ou hir tocar a doce rabequinha
Naquelle mesma tarde pela praia.
Que he isto, Dorotheu, estás confuso?
Duvidas que isto seja ou não verdade.
Então que has-de fazer quando me ouvires
Contar desordens, que inda são mais calvas.

Indigno, indigno chefe, as leis sagradas
Não querem se incommodem alguns dias
Os parentes chegados dos defuntos
Ainda que para cousas necessarias.
E tu, cruel, violentas hum marido
A deixar sobre a terra o frio corpo
Da sua terna esposa, sem que tenhas
Ao menos huma honesta e justa causa?
Barbaro, tu praticas tudo junto
Quanto obraram no mundo os mãos tyrannos.
Mezencio ajuntava os corpos vivos
Dos corpos já corruptos; e tu segues
Outros caminhos, que inda são mais novos.
Separas dos defuntos os que vivem,
Não queres que os parentes sejam pios,
Dando as ultimas honras aos seus mortos.

Chega-se finalmente a tarde alegre
Do festejo dos toiros. Já no curro
Apparecem os dous formosos carros.
O primeiro derrama sobre a terra
Por boccas de serpentes escamosas
Dous puros chorros de agua: no segundo
Se levantam alegres doces vozes,
Que varios instrumentos acompanham.
Aqui entre os que tocam se divisa
Hum triste rosto, que se alaga em pranto.
Não sabes, Dorotheu, quem este seja?
Pois he, prezado amigo, aquelle triste,
Que tem a mulher morta sobre a cama.

O nosso grande chefe mal conhece
Do pobre do viuvo, compassivo
Mette a mão no seu bolso, e delle tira
Hum famoso cartuxo, que lhe entrega;
O nescio rabequista que a acção nota,
Hum pouco suavisa a sua magoa,
E enquanto não recebe o tal embrulho,
Comsigo assim discorre: Que ditosa,
Que ditosa violencia, que soccorre
Em tal occasião a minha falta!
Já tenho com que pague ao meu vigario,
Já tenho com que pague a cera, a cova,
A mortalha, o caixão, e mais os padres.
Assim o bom viuvo discorria,
Quando pega no embrulho, e mal o rasga,
Encontra, Dorotheu, *confeitos grandes*,
Encontra *manuxisti*, e *rebuçados*.
Que he isto, Dorotheu, de novo pasmas?
De novo desconfias da verdade?
Amigo Dorotheu, o nosso chefe
Estudou medicina; e como alcança
Que o chorar faz defluxo, providente
Ministra os *rebuçados* a quem chora,
Para com elles acodir-lhe ao peito.

Principiam os toiros, e se augmentam
Do chefe as parvoices. Manda á praça
Sem regra, sem discurso, e sem concerto.
Agora sabe hum toiro levantado
Que ao máo capinha, sem fugir espera;
Acena-lhe o capinha, elle recúa
E atira com as mãos ao ar a terra.
Acena-lhe o capinha novamente;
De novo raspa o chão, e logo investe,
Lá vai o máo capinha pelos ares;
Lá se estende na arêa, e o bravo toiro

Lhe dá com o focinho hum par de tombos ;
Nem deixa de pisal-o emquanto o nescio
Não segue o meio de fingir-se morto.
Meu esperto boisinho em paz te fica ,
Que o nosso chefe ordena te recolham
Sem fazeres mais sorte , e te reserva
Para ao curro sahires , quando forem
Do Senhor do Bomfim as grandes festas.
Agora sahe hum toiro que he prudente ,
Se o capinha o procura logo foge ,
Os caretas lhe dão mil apupadas :
Hum lhe pega no rabo e o segura ;
Outro intenta montal-o ; e o grande chefe
O deixa passeiar por largo espaço.
Manda-lhe soltar os cães , manda metter-lhe
As garroxas de fogo , que primeiro
Que a pelle rompam do ligeiro bruto ,
Nos dextros dedos do capinha estalam.
Com estes mãos festejos que aborrecem ,
Se gastam muitos dias. Já o povo
Se cança de assistir na triste praça ;
E ao ver-se solitario , o bruto chefe
Nos trata por insultos , mais ingratos.
Soberbo e louco chefe , que proveito
Tirastes em gastar em frias festas
Immenso cabedal , que o bom senado
Devia consumir em cousas santas !
Suspiram pobres amas , e padecem
Crianças innocentes , e tu podés
Com rosto enxuto ver tamanhos males ?
Embora sacrifica ao proprio gosto ,
As fortunas dos povos que governas :
Virá dia em que mão robusta e santa
Depois de castigar-nos , se esconda
E lance na fogueira as varas torpes.

Então virão aquelles que choraram ;
Então talvez que chores , mas de balde :
Que suspiros e prantos nada valem
A quem os guarda para muito tarde.

CARTA 7.*

Em que se trata da venda dos despachos e contractos.

Os grandes , Dorotheu , da nossa Hespanha
Tem diversas herdades : humas dellas
Dão trigo , dão centeio , e dão cevada ;
As outras tem cascatas e pomares
Com outras muitas peças , que só servem
Nos calmosos verões de algum recreio.
Assim os generaes da nossa Chili ;
Tem diversas fazendas. N'humas passam
As horas de descanso ; as outras geram
Os milhos , os feijões , e os uteis fructos ,
Que podem sustentar as grandes casas.
As quintas , Dorotheu , que mais lhe rendem ,
Abertas nunca são do torto arado.
Quer chova de continuo , quer se gretem
As terras ao rigor do sol intenso ,
Sempre geram mais fructos do que as outras
No anno em que lhes corre ao proprio o tempo.
Estas quintas , amigo , não produzem
Em certas estações , produzem sempre ,
Que os nossos generaes tomando a fouce ;

Vão fazer nas searas a colheita :
Produzem , que inda he mais , sem que os bons chefes
Se cãncem com amanhos , nem ainda
Com lançarem nos sulcos as sementes.
Agora dirás tu de assombro cheio :
Que ditosas campinas ! Dessa sorte
Só pintam os Elysios os Poetas ?
Amigo Dorotheu , hes pouco esperto.
As fazendas que pinto não são dessas
Que tem para a cultura largos campos ,
E virgens matarias , cujos troncos
Levantam sobre as nuvens grossos ramos.
Não são , não são fazendas onde parte
O lanudo carneiro e a gorda vacca ;
A vacca que salpica as brandas ervas
Com o leite encorpado que lhe escorre
Das lizas tetas , que no chão lhe arrastam ,
Não são emfim herdades , onde as loiras
Zunidoras abelhas de mil castas
Nos concavos das arvores já velhas ,
Que balsamos distillam , escondidas
Fabriquem ramas de gostosos favos.
Estas quintas são quintas só no nome ,
Pois são os dous contractos que utilisam
Aos chefes inda mais que ao proprio estado.

Cada triennio pois os nossos chefes
Levantam duas quintas ou herdades ,
E quando o lavrador na terra inculta
Despende o seu dinheiro no principio
Fazendo levantar de páos robustos
As casas de vivenda , e junto dellas
Em volta de hum terreiro as vis sanzallas ,
Os nossos generaes pelo contrario
Quando estas quintas fazem , logo embolsam
Huma grande porção de loiras barras.

A primeira fazenda que o bom chefe
Ergueo nestas campinas foi a grande
Herdade que arrendou ao seu *Marquezio*.
As linguas depravadas espalharam
Que para o tal Marquezio entrar de posse
Largára ao grande chefe só de luvas
Huns trinta mil cruzados : bagatella.
Os mesmos maldizentes accrescentam ,
Que o pansudo *Roberio* fôra aquelle
Que fez de corrector no tal contracto.
Amigo Dorotheu , eu tremo e fujo
De encarregar minha alma. O bom Virgilio,
Talvez , talvez , que afflicto se revolva
No meio da fogueira devorante,
Por dizer que adorara ao pio Eneas
Huma casta rainha , cujos ossos
Estavam no sepulchro já mirrados
Havia cousa de trezentos annos.
Eu não te affirmo pois , que se fizesse
A venda vergonhosa. Só te affirmo
Que o mundo assim o julga , e que esta fama
Não deixa de firmar-se em bons indicios.
As leis do nosso reino não consentem
Que os chefes , dêem contractos contra os votos
Dos rectos deputados , que organisam
A junta da fazenda ; e o nosso chefe
Mandou arrematar ao seu *Marquezio*
O contracto maior sem ter hum voto,
Que favoravel fosse aos seus projectos.
As mesmas santas leis jámais concedem,
Que possa arrematar-se algum contracto
Ao rico lançador , se houver na praça
Hum só competidor de mais abono.
E o nosso general mandou se dêsse
O ramo ao lançador , que apenas tinha

Huns vinte mil cruzados em palavra,
Deixando preterido outro sujeito
De muito mais abono, e a quem devia
Hum grande cabedal o regio erario.
Mal acaba *Marquezio* o seu trienio
Outro novo triennio lhe arremata
Sem que hum membro de junta em tal convenha ;
E tendo o tal *Marquezio* no contracto
Perdido grandes sommas lhe dispensa
Outras fianças dar á nova renda.
Amigo Dorotheu, o nosso chefe,
Que procura tirar conveniencia
Dos pequenos negocios, e despachos,
Daria este contracto ao bom *Marquezio*
Este grande contracto sem que houvesse
De paga equivalente ajuste expresso !
Amigo Dorotheu, se não sou sabio,
Não sou tambem tão nescio, que nem saiba
Das premissas tirar as consequencias.
Agora dirás tu : se o patrimonio
De *Marquezio* consiste como affirmas,
Em vinte mil cruzados em palavra
Como de luvás deu ao chefe os trinta ?
Amigo Dorotheu, estou pilhado,
A palavra que sabe da boca fóra
He como a calhada, que se atira,
Que já não tem remedio, paciencia
Eu as ervas arranco, e desde agora
Comtigo fallarei com mais cautella.
Mas que vejo tu ris-te ? Acaso pensas
Que me tens apanhado, na verdade ?
A mim nunca apanharam os capuchos
Quando no raso assento defendia,
Que a natureza não tolera o vácuo,
Que os cheiros são occultas entidades,

Com outras mil questões da mesma classe.
E tú, meu doce amigo, pretendias
Convencer-me em materia em que dar posso
A todos de partido a sóta, e basto ?
Desiste Dorotheu, do louco intento :
Faze huma grande cruz na liza testa,
Dá ligas ao demonio, que te attenda.
Ora ouve a solução desse argumento ;
Bem que pingante seja quem remata
Este grande contracto, mercadeja
Com perto de hum milhão, por isso todos
Lhe emprestam promptamente os seus dinheiros.
Os chefes, Dorotheu, que só procuram
De barras entulhar as fortes burras,
Desfructam juntamente as mais fazendas,
Que os seus antecessores levantaram,
Nem deixam descancar as ferteis terras
Em quanto não as põem em sambambaças.
Aqui agora tens, meu *Silverino*
O teu proprio lugar. Tu és honrado,
E prézas, como eu prézo a sãa verdade :
Por isso nos confessas que tu ganhas
A graça deste chefe, porque envias
Pela mão de *Matuzio*, seu agente,
Em todos os trimestres as mesadas.
Eu sei, meu *Silverino*, que quem vive
Na nossa infeliz Chili não te impugna
Tão notoria verdade. Porem deve
Correr estranhos climas esta historia,
E como tu não vaz tambem com ella,
He justo, que lhe ponha algumas provas.
A sabia lei do reino quer, e manda
Que os nossos devedores não se prendam ;
Responde, agora tu, porque motivo
Concede o grande chefe que tu prendas

A quantos miseraveis te deverem ?
Porque meu *Silverino*? Porque largas,
Porque mandas presentes, mais dinheiro,
As mesmas leis do reino, tambem vedam,
Que possa ser juiz a propria parte,
Responde agora mais; porque principio
Consente o nosso chefe, que tu sejas
O mesmo que encorrente a quem não paga,
Porque meu *Silverino*? Porque largas
Porque mandas presentes, mais dinheiro.
Os sabios generaes reprimir devem
Do atrevido vassallo as insolencias;
Tu mettes homens livres no teu tronco,
Tu mandaa castigal-os como negros :
Tu zombas da Justiça: tu a prendes:
Tu passas portarias ordenando,
Que com certas pessoas não se entenda:
Porque, porque razão o nosso chefe
Consente que tu faças tanto insulto,
Sendo hum toiro, que parte ao leve acêno!
Porque meu *Silverino*? Porque largas,
Porque mandas presentes, mais dinheiro.
A lei do teu contracto não faculta,
Que possas applicar aos teus negocios
Os publicos dinheiros. Tu com elles
Pagastes aos teus credores grandes sommas.
Ordena a sabia junta, que dês logo
Da tua commissão estreita conta;
O chefe não assigna a portaria,
Não quer que se descubra a ladrocira
Porque te favorece ainda á custa
Dos regios interesses, quando finge
Que os zela muito mais, que as proprias rendas.
Porque meu *Silverino*? Porque largas . . .
Porque mandas presentes, mais dinheiro.

Apenas apparece.... mas não posso
Só contigo gastar papel, e o tempo.
Eu já te deixo em paz roubando o mundo
E passo a relatar ao caro amigo,
Os extranhos successos, que ainda faltam ;
Nem todos te direi que são immensos.

Pretende Dorotheu, o nosso chefe
Mostrar hum grande zelo nas cobranças
Do immenso cabedal, que todo o povo
Aos coffres do monarchia está devendo.
Envia bons soldados ás comarcas,
E manda-lhes, que cobrem, ou que mettam
A quantos não pagarem nas cadêas.

Não quero, Dorotheu, lembrar-me agora
Das leis do nosso Augusto; estou cansado
De confrontar os factos deste chefe
Com as disposições do são direito
Por isso pintarei, presado amigo
Sómente a confusão, e agra desordem
Em que a todos nos pôz tão nova idéa.

Entraram nas comarcas os soldados,
E entraram a gemer os tristes povos;
Huns tiram os brinquinhos das orelhas
Das filhas e mulheres. Outros vendem
As escravas já velhas, que os criaram
Por mengs duas partes do seu preço.
Aquelle que não tem captivo ou joia,
Satisfaz com papeis, e o soldadiuho
Estas dividas cobra mais violento
Do que cobra a justiça huma parella,
Que tem executivo aparelhado
Por sabia ordenação do nosso reino.
Por mais que o devedor exclama e grita
Que os creditos são falsos, ou que foram
Ha muitos annos pagos, o ministro

Da severa cobrança a nada attende,
Despresa estes embargos, bem que o triste
Proteste de o provar in continenti.

Não se recebem só, prezado amigo,
Os creditos alheios para embolso
Das dividas fiscaes. O soldadinho
Descobre aqui hum ramo de bom commercio
Aquelle que não quer propôr demandas
Promette-lhé metade, ou mais ainda
Das sommas que lhe entrega, e elle as cobra
Fingindo que as tomou em pagamento
Das dividas do rei. Ainda passa
A mais esta desordem: faz penhoras,
E manda arrematar ao pé da igreja
As casas, os captivos, mais as roças.

Agora, Fanfarrão, agora fallo
Comtigo e só comtigo. Porque causa
Ordenas que se faça huma cobrança
Tão rapida e tão forte contra aquelles
Que ao erario só devem tenues sommas?
Não tem contractadores que ao rei devam
De mil cruzados centos e mais centos?
Huma só quinta parte que estes dêsem,
Não matava do erario o grande empenho?
O pobre, porque he pobre, paga tudo;
E o rico, porque he rico, vai pagando,
Sem soldados á porta, com socego!
Não era menos torpe e mais prudente
Que os devedores todos se igualassem?
Que sem haver respeito a pobre ou rico,
Mettessem no erario hum tanto certo
A' proporção das sommas que devessem.
Indignó, indigno chefe! Tu não buscas
O publico interesse. Tu só queres
Mostrar ao sabio Augusto hum falso zelo;

Poupando ao mesmo tempo os devedores,
Os grossos devedores que repartem
Comtigo os cabedaes que são do reino.

Talvez, meu Dorotheu, talvez que entendas
Que o nosso *Fanfarrão* estima e preza
Os rendeiros que devem, por systema,
Só para ver se os ricos desta terra
A' força de favores animados
Se esforçam alcançar nas regias rendas.
Amigo Dorotheu, o nosso chefe
Se faz alguma cousa he só movido
Da loucura ou do sordido interesse.
Eu vou, prezado amigo, eu vou mostrar-te
Esta santa verdade com exemplos.

Remata-se hum contracto a hum sujeito,
Que o póde bem pagar por mais que perca.
Pretende hum fiador deste contracto
Ir tratar no Perú do seu commercio:
Vai licença pedir ao grande chefe,
E o chefe lh'a concede. Escuta agora,
Ouvirás huma acção a mais indigna
De quantas, por marotos se fizeram.
Apenas o tal homem sahe da terra
Se despede huma esquadra de soldados,
Que mal com elle topa lhe dá busca.
As cargas se revolvem, nem lhe escapam
As grosseiras cangalhas, que se quebram.
Não acham contrabandos; porém sempre
Lhe tomam os dinheiros que elle leva:
E o grande chefe ordena que se mettam
No regio erario todos, inda aquelles
Que são de varios donos. Dize, amigo,
Já viste huma injustiça assim tão clara?
Aos grossos devedores não se tomam

Os seus proprios dinheiros, bem que tenham
Comido os cabedaes dos seus contractos:
E ao simples fiador de hum rematante,
Que nada ainda deve e que tem muito,
Vão-se á força tomar os seus dinheiros,
E os dinheiros que he mais de estranhas partes.
Agora, Dorotheu, não tens que digas;
Has-de emfim confessar que nosso chefe
Sómente não opprime a quem lhe larga.
Ora ouve as circumstancias que inda accrescem,
E que inda afeiam mais o torpe caso.

Espalham as más linguas que *Matuzio*
Pedira ao tal sujeito lhe comprasse
Huns finos guardanapos e toalhas;
Que o fiador mesquinho lh'as trouxera;
E vendo que *Matuzio* se esquecia,
Lhe chegou a pedir sem peijo a paga:
Que o chefe ressentido desta injuria,
Lhe mandou dar a busca por vingança:
E que até o presente inda não consta
Que o preço da encomenda se pagasse.
Que mais póde fazer o seu laçao?
Isto não he mais feio que despir-se
A preciosa capa ao grande jove;
E mandar-se tirar ao sabio filho
O famoso *esculapio*, as barbas de ouro?
Amigo *Dorotheu*, se acaso vires
Na côrte algum fidalgo pobre e roto,
Dize-lhe que procure este governo:
Que a não acreditar que ha outra vida,
Com fazer quatro mimos aos rendeiros,
Ha-de á patria voltar casquilho e gordo.

FIM.

